



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

AMANDA MACIEL DA SILVA

**RELAÇÃO ENTRE COR DE PELE E DESIGUALDADE DE RENDA E RIQUEZA  
NO SÉCULO XIX:  
Evidências a partir das listas nominativas de Mariana (MG) e Viçosa (MG)**

FLORIANÓPOLIS

2013

AMANDA MACIEL DA SILVA

RELAÇÃO ENTRE COR DE PELE E DESIGUALDADE DE RENDA E RIQUEZA NO  
SÉCULO XIX:

Evidências a partir das listas nominativas de Mariana (MG) e Viçosa (MG)

Monografia submetida ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

**Orientador:** Prof. Dr. Pedro A. Vieira

FLORIANÓPOLIS

2013

AMANDA MACIEL DA SILVA

A banca examinadora resolveu atribuir a nota 8,5 à aluna Amanda Maciel da Silva na Disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Pedro Antônio Vieira  
(Presidente)

---

Prof. Msc. Luiz Mateus da Silva Ferreira  
(Membro)

---

Prof. Msc. Marcelo Coelho Raupp  
(Membro)

Florianópolis, fevereiro de 2013

Dedico este trabalho a meus pais, irmãos, e a todos que contribuíram para minha formação; dedico também aos amigos, cujas conversas e debates alimentaram a vontade de estudar Economia.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho só chega onde chegou devido a colaboração de muitas pessoas, de forma direta e de forma indireta. Não me asseguro dizer que concluí este trabalho, dado que muito há ainda que ser pesquisado, além de muitas questões que podem ser tiradas deste tema.

Gostaria de agradecer o apoio que recebi de meus pais, pelo incentivo, acreditando que somente através do estudo se pode conquistar uma vida melhor. Aos meus irmãos, que dentre muitas brincadeiras me ensinaram que a seriedade é essencial, porém a diversão também é fundamental na formação, em que aprendi que é preciso gostar do que se faz, sentir prazer em estudar, buscar fazer o que a gente gosta.

Gostaria de agradecer aos amigos, aos poucos cujas conversas eram estimulantes e me faziam pensar acerca da realidade sócio econômica, o que alimentava ainda mais minha vontade de estudar economia e desigualdade, em especial. A Edilene e Maicon. Aos professores que participaram de minha graduação, Brena, Sérgio, Seabra, Helton, Martins, Lauro, Luiz Carlos, Valente, Marialice, Maurício, Biage, Newton, Nildo, Pablo, Pedro, Roberto e Silvio. Ao professor Guilherme Moura pelas conversas. Ao professor Ângelo Carrara, pela disponibilidade e compartilhamento dos dados, assim como a Romilda Oliveira Alves, por disponibilizar dados para que eu aprimorasse minha pesquisa. Ao Rafa, pelo apoio, pelas críticas, pelas conversas, que muito contribuíram para minha formação intelectual.

Por fim, não por isso menos importante, ao professor Luiz Mateus da Silva Ferreira, pelas conversas que me fizeram aprimorar os trabalhos sobre desigualdade e ao professor Pedro Vieira, por ter me incentivado a estudar desigualdade, principalmente nos dois anos de pesquisa Pibic, em que pude começar a me interessar pelo tema, buscando respostas, e ao mesmo tempo encontrando muitos obstáculos; um tema que por si só parece tão simples e explicável, ao contrário, apresenta grandes lacunas, grandes armadilhas sobre falsas afirmações que poderiam se tornar conclusões errôneas ou ingênuas. Devo ao professor o incentivo e oportunidades que me foram dadas para continuar buscando respostas e desvendando cada vez mais segredos que a nossa história por vezes esconde.

*“Falaram-me os homens em humanidade,  
Mas eu nunca vi homens nem vi humanidade.  
Vi vários homens assombrosamente diferentes entre si.  
Cada um separado do outro por um espaço sem homens.”*

(Alberto Caeiro in “*Fragmentos*”, heterônimo de Fernando Pessoa.)

*“O homo oeconomicus, tal como o homo faber  
ou o homo philosophicus, é uma pura abstração.  
A verdadeira realidade é o homem  
na sua complexidade biológica e social.”*

(Carlo M. Cipolla in *Introdução ao Estudo da História Econômica*.)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar, a partir do estudo da sócio economia mineira em listas nominativas de Mariana e Viçosa do século XIX, a existência de relação entre cor de pele e distribuição ocupacional, além de investigar quais mecanismos podem ser indicativos dessa relação bem como seus efeitos sobre a distribuição de renda e riqueza. Para tal análise foi feito cruzamento de dados característicos dos habitantes listados, como cor de pele, ocupação, renda e posse de escravos para fazer um mapeamento da organização social e econômica. Os resultados dessa análise possibilitam identificar de que maneira a cor de pele impactava na alocação dos trabalhadores, moldando uma renda diferenciada para negros e brancos, onde os negros eram alocados em ocupações que exigiam maior esforço físico, que eram mais desprezadas e auferiam menor remuneração, caracterizando nitidamente a existência de desigualdade racial e de renda no Brasil do século XIX. Análises qualitativas e quantitativas, como o cálculo do índice de Gini para distribuição de renda e riqueza são os métodos que nos possibilitaram afirmar que os brancos eram mais beneficiados que os negros livres tanto no acesso a renda e riqueza quanto no acesso a serviços e bem estar. Acreditamos que essa estrutura, em que a escravidão e a herança negativa que os negros carregam dela permite relacionar cor de pele a distribuição de ocupações, moldou um pensamento de desigualdade social que perdurou por muitos anos e a muitas transformações políticas, sociais e econômicas que o país vem sofrendo, caracterizando uma desigualdade durável.

Palavras-Chave: Desigualdade, Cor de Pele, Renda, Riqueza.

## ABSTRACT

This work aims to analyse, from the study of the social economy of Minas Gerais in nominative lists of Mariana and Viçosa of the XIX century, the existence of a relationship between skin color and occupational distribution, besides investigating which mechanisms can be indicative of this relationship, as well as its effects on the distribution of income and distribution of wealth. For this analysis, data crossing of the listed inhabitants will be done, such as skin color, occupation, income and slaveholding, to do a mapping of social and economic organization. The results from this analysis enables the identification of how skin color impacts the allocation of workers, molding different income for black and white people, where the blacks were allocated in occupations that required more effort, which were despised and derived a smaller income, characterized sharply the existence of social inequalities in the XIX century Brazil. Qualitative and quantitative analysis, like the calculation of the Gini index of income and wealth distribution, are the methods that enable us to assert that white people were more beneficiated than black people both in the access to goods and wealth and in the access to services and well being. This structure, where slavery and negative inheritance that the black people carried from it, allows us to connect skin color to the distribution of occupation, cast a thought of social inequality that has lasted for many years and many political, social and economic issues that the country is experiencing, featuring unequal durable.

Keywords: Inequality, Skin Color, Income, Wealth.



**LISTA DE GRÁFICOS**

|  |    |
|--|----|
| GRÁFICO 1 – Gini Por Região Do Brasil – 1872 .....   | 25 |
| GRÁFICO 2 – Desigualdade Por Condição, Produtividade E Setor - 1872 .....                            | 25 |
| GRÁFICO 3 – Curva De Lorenz Para Distribuição De Renda – Viçosa, 1825 .....                          | 45 |
| GRÁFICO 4 – Curva De Lorenz Para Distribuição De Riqueza – Posse de<br>Escravos – Viçosa, 1825 ..... | 47 |

## LISTA DE TABELAS

|   |    |
|---|----|
| TABELA 1 – Medidas De Desigualdade Total E Por Condição Em 1872.....  | 23 |
| TABELA 2 – Medidas De Desigualdade Total E Por Produtividade Em 1872 .....  | 24 |
| TABELA 3 – Medidas De Desigualdade Total E Por Setor Em 1872.....   | 24 |
| TABELA 4 – População Segundo Cor E Ocupação – Mariana, 1804.....  | 33 |
| TABELA 5 – Pagamento Médio Para Ocupações Seleccionadas: Avaliação Especial Para O Dote De Catarina De Bragança E A Paz Da Holanda, (1664-1666) - Pernambuco..... | 35 |
| TABELA 6 – População Segundo Cor E Ocupação – Mariana, Presídeo Em 1819...  | 36 |
| TABELA 7 – População Segundo Cor E Condição – Mariana, Presídeo Em 1819 ...   | 37 |
| TABELA 8 – População Segundo Cor E Ocupação – Mariana, Fora De Arraial De Presídeo Em 1819 .....  | 37 |
| TABELA 9 – População Segundo Cor E Condição – Mariana, Fora Do Arraial De Presídeo Em 1819 .....  | 37 |
| TABELA 10 – População Segundo Cor E Ocupação – Ubá, 1819.....   | 39 |
| TABELA 11 – População Segundo Cor E Condição – Ubá, 1819 .....  | 39 |
| TABELA 12 – População Segundo Cor E Ocupação – Fora Do Arraial De Ubá, 1819 .....   | 40 |
| TABELA 13 – População Segundo Cor E Condição – Fora Do Arraial De Ubá, 1819 .....   | 40 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>LISTA DE GRÁFICOS.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>LISTA DE TABELAS.....</b>   | <b>10</b> |
| <b>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>13</b> |
| 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....  | 14        |
| 1.2 OBJETIVOS .....  | 15        |
| 1.2.1 <i>Objetivo Geral</i> .....  | 15        |
| 1.2.2 <i>Objetivos Específicos</i> .....   | 15        |
| 1.3 METODOLOGIA.....   | 16        |
| <b>CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO- METODOLÓGICA .....</b>  | <b>18</b> |
| 2.1 JEFFREY WILLIAMSON E A “HISTÓRIA COM EVIDÊNCIAS” .....   | 20        |
| 2.2 RAFAEL OSÓRIO E A DESIGUALDADE RACIAL E DE RENDA NO BRASIL .....   | 21        |
| 2.3 LUÍS BÉRTOLA E OS PRIMEIROS ESTUDOS DE DESIGUALDADE DE RENDA A<br>PARTIR DE CENSOS DO SÉCULO XIX .....                                     | 22        |
| <b>CAPÍTULO 3 – OBSEVAÇÕES ACERCA DA SÓCIO ECONOMIA<br/>MINEIRA NO SÉCULO XIX .....</b>  | <b>27</b> |
| 3.1 ANÁLISE SÓCIO ECONÔMICA DE MARIANA NO SÉCULO XIX .....   | 29        |
| 3.1 ANÁLISE SÓCIO ECONÔMICA DE VIÇOSA NO SÉCULO XIX .....  | 31        |
| <b>CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DAS LISTAS NOMINATIVAS DO SÉCULO<br/>XIX - AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DE<br/>RENDA E RIQUEZA.....</b> | <b>33</b> |
| 4.1 LISTA NOMINATIVA DE MARIANA EM 1804 .....  | 33        |
| 4.2 LISTA NOMINATIVA DE MARIANA EM 1819 .....  | 34        |
| 4.2.1 <i>Presídeo</i> .....  | 34        |
| 4.2.2 <i>Ubá</i> .....   | 39        |
| 4.3 LISTA NOMINATIVA DE VIÇOSA EM 1825.....  | 41        |
| 4.3.1 <i>Desigualdade de Renda</i> .....   | 42        |
| 4.3.1.1 <i>Análise da Distribuição do Gini de Renda</i> .....  | 42        |
| 4.3.2 <i>Desigualdade de Riqueza – Posse de Escravos</i> .....   | 44        |

|                                   |           |
|-----------------------------------|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b> | <b>47</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>           | <b>49</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>               | <b>52</b> |
| <b>APÊNDICE ESTATÍSTICO .....</b> | <b>59</b> |

## CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

As diversas transformações que o Brasil tem vivido ao longo de seus mais de quinhentos anos de história cingiram características particulares à sociedade brasileira, cuja conformação pode ser delineada a partir dos primórdios do “descobrimento”. O entendimento da conformação social brasileira, em uma perspectiva histórica, apresenta singularidades que em certa medida resistem ao tempo e às transformações econômicas, políticas e sociais, de forma que muitos dos valores sociais mais antigos insistem em participar das relações sociais ainda hoje. O estudo da desigualdade social brasileira está intimamente relacionado à análise da conformação social e tem se mostrado cada vez mais intrigante. Buscar entender de que maneira as desigualdades foram se estruturando ao longo da história do Brasil despertam nosso interesse quanto aos mecanismos que possibilitaram essa configuração, seus condicionantes, as consequências sobre renda e riqueza, além da intrigante inercialidade da desigualdade racial e de renda perante as mudanças que o Brasil tem sofrido ao longo de sua história.

Procuramos identificar, como um dos objetivos deste trabalho, que tipo de relações existem entre cor de pele/ raça e distribuição ocupacional. Acreditamos que, a partir dessa relação, a formação da estrutura de trabalho no Brasil acabou por impactar sobre a distribuição de renda e riqueza, cuja principal evidência pode ser apontada pelo índice de Gini. Desta forma, nosso trabalho baseia-se na análise qualitativa e quantitativa de listas nominativas do século XIX, onde analisamos como se estabeleciam as relações de trabalho a partir da distribuição ocupacional para entender em que proporção negros e brancos eram alocados nas diversas profissões bem como analisar o Gini de distribuição de renda e riqueza para o mesmo período, com o intuito de medir quais as consequências da relação entre raça e ocupações sobre a distribuição de renda e riqueza.

Muitos autores empenharam-se em estudar as desigualdades sociais e de que maneira elas podem ser identificadas, que mecanismos podem ser responsáveis por sua criação e perpetuação, além de quais tipos de desigualdades existem entre seres humanos. Encontramos, dentre esses estudiosos, dois que muito nos chamam a atenção, devido ao ponto de vista em que analisam as desigualdades. O primeiro seria Charles Tilly, com sua teoria sobre desigualdades categoriais, e que em sua obra *Durable Inequality*, aponta para os diversos mecanismos de manifestação de desigualdades bem como para o caráter durável, como resultante das interligação dos resultados desses mecanismos. Por segundo, temos Amartya Sen, cujo foco são as desigualdades individuais e as realizações, por parte dos

indivíduos, como um indicador de desigualdade e o maior ou menor acesso dos indivíduos aos bens e serviços. A grande preocupação com o estudo das desigualdades sociais no Brasil, em particular, está interligada com as preocupações para a redução da desigualdade, tendo esse fator como uma das principais barreiras ao desenvolvimento econômico. A inserção de nossa problemática pode ser vista como uma contribuição para aprimorar o entendimento das relações sociais desiguais que contribuíram para a perpetuação das mesmas até os dias atuais e a identificação dos mecanismos que geram e perpetuam essas desigualdades podem contribuir para as políticas públicas de geração de crescimento econômico do país de forma sustentada.

### **1.1 Problema de Pesquisa**

O Brasil se apresenta como um dos países mais desiguais do mundo e acredita-se que essa desigualdade seja devida a sua conformação social.

No século XIX, entre os trabalhadores livres, os negros eram prejudicados pela herança negativa que carregam da escravidão, instituída como estrutura desigualmente aceita. A análise das consequências da escravidão e dos mecanismos de desigualdade que esta gerou, são de fundamental importância para o entendimento de como essas desigualdades persistiram até os dias atuais, como uma desigualdade durável (Tilly, 1998).

Acredita-se que a distribuição desigual de ocupações seja uma das principais maneiras de ver como o preconceito racial organizou a distribuição de mão de obra, fazendo com que os negros ficassem reservados a ocupações que exigiam maior esforço físico, que eram mais desprezadas e auferiam menor remuneração.

A proposta deste trabalho se insere na tentativa de explicitar quais mecanismos podem ser identificados como principais responsáveis pela manutenção das desigualdades sociais encontradas a partir da análise de listas nominativas, além de procurar entender de que maneira o fator racial contribuiu para a má distribuição de renda e riqueza nos estudos de caso analisados.

Acreditamos que a desigualdade social brasileira teve origem nas primeiras relações de trabalho estabelecidas. Chamamos *Raízes da Desigualdade Social no Brasil* porque é nesse período, que vai dos primórdios do “descobrimento” ao fim da abolição, o período de *Construção*, em que as relações sociais desiguais – particularmente com embasamento na instituição escravidão - acentuaram as diferenças com base na cor de pele, marcando o negro

como indivíduo inferior; temos no período pós abolição o de *Consolidação*, onde os costumes e o ideário social fizeram prevalecer o preconceito contra a cor de pele e garantiram direitos diferenciados para negros e brancos.

Buscamos, a partir dessa problemática, entender de que maneira essas relações se manifestavam e conseguiram perpetuar por longos períodos. Buscamos também evidenciar que as raízes da desigualdade social de hoje podem ser encontradas em séculos anteriores. Nossa hipótese é a de que a desigualdade social brasileira apresenta íntima relação com a cor da pele, sendo esse o principal mecanismo que possibilitou a distribuição desigual de salários entre brancos e negros livres. Nossa hipótese está fundamentada na análise de listas nominativas de Mariana e Viçosa do século XIX, onde procuramos identificar os mecanismos responsáveis pela Construção e Consolidação das desigualdades sociais, principalmente os resultados sobre a distribuição de renda e riqueza. Ao testar essa hipótese, é possível afirmar que esse processo de desigualdade, que servia para caracterizar a distribuição ocupacional em séculos anteriores, repercutiu até os dias atuais, moldando o ideário social e fazendo com que a desigualdade de renda no Brasil ficasse racialmente caracterizada.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Analisar a existência de relações entre cor de pele e distribuição de ocupações em listas nominativas do século XIX.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- i) Investigar quais mecanismos permitem identificar essa relação;
- ii) Avaliar quais os impactos sobre a distribuição de renda e riqueza;

### 1.3 Metodologia

Com base em análises qualitativas e quantitativas de listas nominativas, procuramos demonstrar como a sociedade reproduzia relações desiguais no século XIX. Listas Nominativas são como censos manuscritos, elaborados geralmente por paróquias para fins político-administrativos ou religiosos. A partir dessas listas é possível obter dados referentes a população e de que maneira essa encontrava-se organizada quanto a ocupação, raça, salários, famílias. A metodologia de análise está embasada no cruzamento desses dados e na análise desses cruzamentos identificando o grau de participação de negros e brancos nos diferentes segmentos.

A escolha da utilização de listas nominativas está relacionada à procura de dados anteriores aos censos demográficos publicados pela Diretoria Geral de Estatística, com a finalidade de contribuir para a ampliação dos estudos de história econômica brasileira em períodos cujas informações ainda apresentam-se muito escassas. A procura por listas nominativas na rede de internet teve como resultado um documento elaborado pelo prof. Ângelo Carrara, que foi o responsável pela digitação a partir do original, da lista nominativa de Mariana de 1819, a partir do código número 398. Pudemos obter o documento em formato Excel a partir deste pesquisador, bem como outros documentos que remetiam à sociedade mineira, tal como o levantamento de Viçosa de 1825 e de Mariana de 1804.

As listas nominativas são a principal fonte de informação demográfica do chamado período pré-censitário. As listas utilizadas como fonte são muito ricas em informação, trazendo características sobre número de habitantes, ocupação, sexo, cor de pele, origem social e salários.

As listas nominativas de Mariana, em particular, segundo Magalhães (2004), eram elaboradas pelos párocos, com a finalidade de verificar se os fiéis haviam cumprido as normas da Igreja relacionadas à desobriga da Quaresma (Magalhães, 2004: 63), que se refere às obrigações dizimais. A importância da utilização de listas nominativas está na tentativa de preencher deficiências na história econômica brasileira, tendo como resultado esperado que as afirmações obtidas a partir da análise de dados de listas possam contribuir para um entendimento mais acurado da realidade sócio econômica brasileira de períodos pré censitários.

A partir do cruzamento desses dados encontrados nas listas, buscamos fazer um levantamento da organização social em torno da distribuição de ocupações para investigar quais desequilíbrios podem ter sido gerados pela raça na distribuição de renda e riqueza da



localidade estudada. Com os dados das listas e os cruzamentos de suas informações pudemos calcular o Gini de renda e riqueza para Viçosa. Esse índice permite mensurar quão desiguais eram a distribuição de renda e de riqueza em Viçosa.

Quanto à metodologia utilizada para o cálculo do Gini, seguimos a metodologia descrita por Hoffmann (1998). Obtidos os decis a partir do levantamento e cruzamento de dados de salários, obtivemos os estratos de renda e posse de escravos em ordem crescente. A partir daí pudemos classificar os decis a partir do percentual de renda adquirida em relação à renda total da população, bem como para a classificação quanto à posse de escravos, como forma de riqueza adquirida. Obtidos os decis, elaboramos a curva de Lorenz a partir do cálculo da área dos diversos segmentos de decis, onde chegamos aos resultados de Gini.

Muitos autores, tais como Luís Bértola, Jeffrey Williamson e Rafael Osório, estudaram a desigualdade social brasileira com foco sobre a desigualdade de renda. A metodologia utilizada pelos autores baseava-se no cálculo do Gini de renda como um indicador da má distribuição desse bem. Nosso trabalho buscará participar do debate levantado pelos autores, debate que procurar medir qual nível de desigualdade brasileira no século XIX e quais as consequências para a sociedade atual. A partir da análise de um período anterior ao estudado pelos autores buscamos contribuir para o aprofundamento do estudo das desigualdades sociais no Brasil.

## CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO- METODOLÓGICA

Dois dos autores mais renomados que estudam desigualdade apresentam conceitos sobre o tema que geram aplicabilidade em diversos segmentos do estudo das relações sociais. Charles Tilly e Amartya Sen são referências no estudo das relações sociais desiguais, seja entre grupos ou categorias de indivíduos, seja entre indivíduos.

Em *Durable Inequality*, Charles Tilly (1998) se preocupa com o estudo das desigualdades entre categorias, ou de grupos de pessoas. O autor faz referência a desigualdades duráveis, que significam desigualdades persistentes. Tilly (1998) nos mostra que as desigualdades duráveis podem ser geradas por quatro mecanismos principais: exploração, monopólio de oportunidades, emulação e adaptação. Por exploração, o autor nos apresenta a relação desigual onde uma categoria controla um recurso específico ou um benefício gerado pelo esforço de outro grupo, excluindo o acesso a esse benefício. Por monopólio de oportunidades, que um grupo ou categoria tem acesso a um recurso ou bem que pode ser monopolizado, criando uma barreira social que resulta na exclusão de outra categoria ou grupo. Por emulação, como uma sociedade se reproduz, imitando modelos de desigualdade existentes em outro lugar ou época, e que porventura tenham obtido sucesso. Por adaptação, como é criado um modo de relacionamento baseado nestes mecanismos, como a elaboração de rotinas diárias a serem seguidas, com o fim de reforçar a aplicação dos outros três mecanismos citados anteriormente.

Para Tilly (1998) a desigualdade pode se dar na distribuição de dois tipos de bens: bens autônomos e bens relativos. Bens autônomos seriam renda e riqueza; bens relativos seriam prestígio, poder político. O autor afirma que bens relevantes incluem não somente riqueza e renda, mas também outros benefícios como “controle da terra, exposição a doenças, respeito das outras pessoas, sujeição ao serviço militar, risco de homicídio, posse de ferramentas e disponibilidade de parceiros sexuais.” (Tilly, 1998: 25). Vê-se assim que a desigualdade pode se manifestar de muitas maneiras, algumas delas quase imperceptíveis, como a disponibilidade de parceiros sexuais.

Amartya Sen, em *Desigualdade Reexaminada*, preocupa-se com desigualdades individuais. Sen (2008) faz sua chamada de atenção para as realizações a que o indivíduo tem acesso, como indicativo de sua maior ou menor participação na vida social. Para o autor, a igualdade está intimamente ligada à liberdade, e esta condicionada às realizações. Realizações estariam submetidas à capacidade individual. Desta maneira, um indivíduo que é mais inteligente, mais apto e mais disposto que outro, certamente será capaz de maiores

realizações. Estes fatores são fatores mais biológicos que condicionais, não representam características adquiridas. O que o autor questiona em sua obra é que as oportunidades devem ser iguais para todos os indivíduos, e que possíveis diferenças devem ser antes devidas às atribuições individuais do que a impedimentos sociais. O indivíduo que tem mais educação que outro, mais saúde, mais renda, certamente terá mais capacidades de realizações. Essas diferenças, que configuram características adquiridas, para Sen (2008) conformariam a base das desigualdades entre os indivíduos.

Muitas dessas desigualdades podem ser explicadas por barreiras sociais, políticas e econômicas que selecionam alguns indivíduos, muitas vezes com base em fatores biológicos, impondo uma barreira social a quem não se enquadra nos moldes requeridos. Outro fator relevante se deve à escolha de indivíduos a partir de fatores biológicos (cor de pele), para fazerem usufruto dos fatores não biológicos (renda, saúde, educação), impondo uma barreira sócio-institucional aos indivíduos que possuem outro fenótipo.

Amartya Sen (2008) nos apresenta dois conceitos importantes que ajudam a entender a desigualdade brasileira. Esses dois conceitos estão envolvidos com formas de gerar desigualdade. Os conceitos de liberdade formal, e de liberdade substantiva. Por liberdade formal, o autor se refere ao enfrentamento de barreiras institucionais ou legais. Significa que ter liberdade formal é ter capacidade de realizar funcionamentos sem que a lei impeça, ou poder fazer tudo que a lei não proíba, independentemente de ser homem, mulher, branco ou negro. Por liberdade substantiva, o autor se refere à disposição de meios e opções. Significa que ter liberdade substantiva é ter capacidade de realizar opções, poder fazer escolhas, dispor dos meios que são comuns a outros indivíduos.

Muitos estudos sobre desigualdade social no Brasil procuram identificar quais os condicionantes da desigualdade de renda, a partir de dados das Pnad, tais como os de Rodolfo Hoffmann, Ricardo Paes de Barros e Ricardo Henriques. Há ainda outros trabalhos que buscam analisar o comportamento social das famílias escravas e sua inserção na vida social a partir de fontes primárias dos séculos XVIII e XIX, tais como os trabalhos de Tarcísio Botelho e Leonardo Monastério. Apesar de o estudo da desigualdade social ainda ser pouco aprofundado, tamanha a diversidade de documentos existentes no Brasil que permitam analisar a estrutura sócio econômica das famílias, estes estudos têm avançado muito, principalmente os estudos em perspectiva histórica e os que buscam explicar quais as raízes da desigualdade social do Brasil. Em particular, no estudo sobre a desigualdade social brasileira, muitos autores chamam a atenção com seus estudos, e buscamos, em suas publicações mais interligadas ao caso brasileiro, buscar explicações que nos ajudem a

entender as relações entre cor de pele e distribuição ocupacional, bem como descobrir quais mecanismos atuam perpetuando essa desigualdade e as consequências sobre a distribuição de renda e riqueza.

Em seguida, faremos uma breve revisão das principais contribuições ao estudo da desigualdade social brasileira no período anterior ao século XX.

## 2.1 Jeffrey Williamson e a “História com Evidências”

Jeffrey Williamson publicou trabalho muito importante onde afirma que não há muitas evidências que apontem para alta desigualdade na América Latina bem como para uma desigualdade constante desde os séculos XV e XVI.,

Em *History Without Evidence*, este autor afirma que os estudiosos econômicos acreditam que a desigualdade latino americana sempre apresentou níveis elevados. Devido a essa "crença", os estudiosos econômicos apontam que será difícil para as políticas econômicas e seus protagonistas superarem as desigualdades e promover o crescimento social igualitário.

O trabalho de Williamson (2009) deixa implícito que a história que tem sido retratada até então e amplamente divulgada pela literatura é de que a América Latina sempre apresentou índices elevados de desigualdade, e o título de seu trabalho aponta para a falta de evidências que comprovem esta afirmação, principalmente comparações entre América Latina e outras regiões, que não os Estados Unidos. Para Williamson (2009) a desigualdade só foi elevada no século XIX, e, portanto, a persistência histórica de desigualdade na América Latina é um mito (Williamson, J. History Without Evidence).

Tanto trabalhos bibliográficos quanto os mais recentes trabalhos com base em fontes documentais evidenciam a desigualdade presente na sociedade brasileira, de modo que a fica explícito que negros livres e brancos detinham oportunidades diferenciadas, e esse fator cor de pele foi incorporado ao pensamento desigual e contrastou fortemente com a desigualdade de renda.

O autor baseia sua discussão em diferenças de classe, cujas afirmações acabam por relacionar-se com nosso estudo, embora o autor insista em afirmar que não muitas evidências que apontem para a existência de desigualdade na América Latina, mesmo que estejamos tratando do caso particular do Brasil. Logo o autor passa a admitir que o Brasil é um país com grande desigualdade e que essa desigualdade deve ser das mais altas somente na era industrial. O autor admite ainda que a desigualdade tem aumentado, e que além do aumento

gradativo da desigualdade é relevante notar sua persistência, o que foi claramente observado por Luís Bértola em seus trabalhos, como vemos mais adiante.

## **2.2 Rafael Osório e a Desigualdade Racial e de Renda no Brasil**

Rafael Guerreiro Osório, em sua tese de doutorado, busca explicitar quais os fatores principais responsáveis pela desigualdade de renda entre negros e brancos, afirmando que a origem social tem papel importante nessa determinação e que as desigualdades de renda entre negros e brancos hoje, se devem a fatores como o nível de educação e o rendimento do trabalho.

Segundo Osório (2009), a persistência da desigualdade social no Brasil se deve ao peso da origem social e também à discriminação que prejudicam os negros. Afirma que a discriminação é essencial para a persistência da desigualdade e caso não existisse essa condição, a desigualdade seria amenizada com o tempo.

A partir da análise das Pnad, o autor faz um levantamento da renda domiciliar per capita entre negros e brancos, além de incluir, no conjunto denominado negros, as variantes pretos e pardos. O autor chama a atenção para o fato de a desigualdade ser constante no período considerado (1976 a 2006), alegando que o principal responsável para a desigualdade de renda é o fator educacional e afirma que, mesmo após a abolição, os negros continuaram entre os mais pobres.

Osório (2009) chama de “inspiração modernista” a teoria que afirma que o capitalismo acabaria com a desigualdade entre negros e brancos, além de fazer uma espécie de “paródia” com o Marxismo, ao afirmar que “a história do Brasil é movida por uma luta de raças” (2009: 345). Semelhante ao que fez Osório (2009), nos propomos a investigar a distribuição de renda e riqueza no século XIX, buscando compor um retrato o mais fiel possível da organização social brasileira, onde aspectos da distribuição de ocupações por raça, sexo, da escolaridade e das condições de acesso a bens autônomos e relativos possam evidenciar que a relação entre desigualdade racial e de renda apresentada por Osório (2009) já era significativamente responsável por um grau de desigualdade muito grande.

### 2.3 Luís Bértola e os Primeiros Estudos de Desigualdade de Renda a partir de Censos do século XIX

Bértola et al. buscaram, a partir dos primeiros recenseamentos gerais realizados em 1872 e 1890 fazer uma análise da desigualdade de renda no Brasil a partir dos diversos segmentos de organização ocupacional como setores e nível de habilidade dos trabalhadores esses autores calcularam os índices de Gini para o Brasil.

A partir dos Censos de 1872 e 1890, Luís Bértola et al (2006) tentam fazer uma projeção de dados para o ano de 1839. Com a dificuldade em se obter dados anteriores aos censos, os autores se utilizam de dados de salários do Rio de Janeiro. Para ele o Brasil não segue a hipótese de Kuznets de U invertido segundo a qual a desigualdade e crescimento econômico seguiriam juntos até um estágio em que, dado certo nível de desenvolvimento, a desigualdade começaria a decair.

De acordo com Bértola et al (2006), a economia brasileira colonial era decadente, agrário-exportadora, baseada em trabalho escravo e com pouca especialização, e mesmo as elites escravistas auferiam baixo rendimento. O autor surpreende-se com o baixo índice de Gini, embora acredite que esse número tenderia a aumentar no decorrer do século XX, como resultado, principalmente, da Abolição e da Industrialização do Brasil. Quanto ao resultado de Gini de 0.398 obtido para o Brasil no ano de 1872, Bértola et al (2006) afirma que há três explicações para resultado tão baixo:

1. que os dados não cobrem adequadamente a renda e as riquezas das classes.
2. A desigualdade pode ser baixa devido à predominância de grupos de baixa renda. Havia baixa renda *per capita* o que pode representar baixa desigualdade.
3. É difícil atribuir uma renda aos escravos. A renda dos escravos estava associada ao custo de alimentação adicionada de um montante para cobrir custos com vestimenta e moradia. Bértola et al. estipulam esse valor em 100 mil-réis por ano. (BÉRTOLA, L. Et al 2006:7). Outro fator é que os escravos trabalham para obter renda extra, o que não pôde ser contabilizado.

Os autores afirmam que pelo fato de aos escravos ser atribuído o mesmo salário não havia desigualdade entre eles. Uma das observações do autor é que a desigualdade entre pessoas livres é maior que a desigualdade entre livres e escravos. Os baixos valores de Gini obtidos surpreendem, e o autor argumenta que mesmo um Gini baixo não significa que haja

pouca desigualdade, até porque a renda média brasileira era considerada uma renda muito baixa. Para Bértola et al (2006), a maior parte da sociedade brasileira estava alocada no setor de baixa produtividade porque, de acordo com o censo de 1872, 84% da população era iletrada, já que educação explica boa parte da produtividade (ou capital humano).

Em outro trabalho, Bértola et al (2009) admitem que havia diferenças nas rendas dos escravos, tanto em relação ao gênero, quanto em relação ao acesso à terra, produção para consumo próprio, etc. Para o autor, as diferenças entre os escravos não aumentavam significativamente a desigualdade total da sociedade brasileira em 1872.

As informações apresentadas pelos autores (2009), deixam nítido que a desigualdade entre negros e brancos era muito comum ainda em 1872. As diferenças salariais entre negros foram subestimadas porque além de negros livres receberem mais que escravos, os escravos também recebiam renda extra, o que dificilmente era contabilizado e isso impossibilitava o cálculo do Gini entre negros escravizados.

Nas tabelas seguintes, vemos as medidas de desigualdade, por condição, produtividade e setor, em 1872.

Tabela 1 - Medidas de Desigualdade, Total e por Condição, 1872.

| Condição | População | Renda | Gini  | Renda Média (mil-réis) |
|----------|-----------|-------|-------|------------------------|
| Livre    | 82.4%     | 89%   | 0.359 | 357                    |
| Escravo  | 18%       | 11%   | 0.00  | 100                    |
| Total    | 100%      | 100%  | -     | 312                    |

Fonte: Bértola et al (2006)

A renda média do trabalhador livre era 357% maior que a renda média do escravo. Em relação à produtividade, o autor considera produtividade como taxa de alfabetização. Pelo censo de 1872, os dados de alfabetização mostram grande desigualdade entre escravos e livres. Por isso a baixa, a média e a alta produtividades estão, dessa forma, diretamente ligadas à escolaridade e por conseguinte à cor de pele. De forma análoga, os rendimentos nos setores sofrem discrepância salarial pois o setor primário, onde se concentra o maior contingente populacional, é onde se distribuem os trabalhadores menos especializados; no setor secundário, onde se situa a menor parcela da população, é onde se encontram as maiores rendas.

Temos que 82,4% da população era livre e detinha 89,3% da renda; enquanto 17,6% da população era escrava e detinha 10,7% da renda. Isso nos mostra grande desigualdade nessa distribuição.

Tabela 2 - Medidas de Desigualdade, Total e por Produtividade, 1872.

| Produtividade | População | Renda | Gini  | Renda Média (mil-réis) |
|---------------|-----------|-------|-------|------------------------|
| Baixa         | 83%       | 62%   | 0.269 | 232                    |
| Média         | 15%       | 23%   | 0.330 | 496                    |
| Alta          | 2%        | 15%   | 0.451 | 1960                   |
| Total         | 100%      | 100%  | -     | 2688                   |

Fonte: Bértola et al (2006)

Com relação à produtividade, 83% da população tinha baixa produtividade (relacionada à alfabetização) e detinha 61,7% da renda; 14,7% tinha produtividade média e detinha 23,3% da renda; somente 2,4% da população tinha produtividade alta (alfabetização) e concentrava 14,9% da toda renda.

Tabela 3 - Medidas de Desigualdade, Total e por Setor, 1872.

| Setor      | População | Renda | Gini  | Renda Média (mil-réis) |
|------------|-----------|-------|-------|------------------------|
| Primário   | 59%       | 52%   | 0.362 | 277                    |
| Secundário | 14%       | 20%   | 0.375 | 429                    |
| Terciário  | 27%       | 28%   | 0.428 | 325                    |
| Total      | 100%      | 100%  | -     | 1031                   |

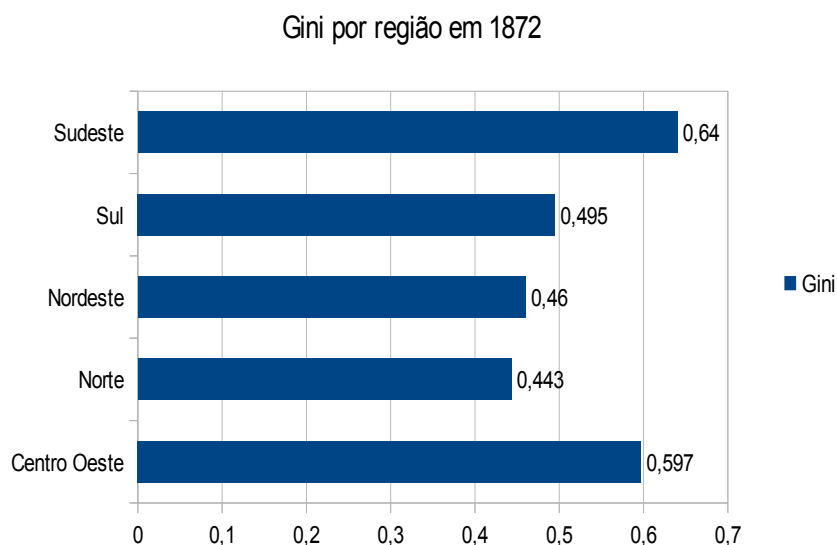
Fonte: Bértola et al (2006)

Mais da metade da população, 58,9%, estava empregada no setor primário e se apropriava de 52,3% da renda; 14,4% estava alocada no setor secundário e dividia 19,8% da renda; e 26,7% no setor terciário com 27,9% da renda.

O gráfico abaixo apresenta o Gini calculado por região pelos autores, com base no censo de 1872. Observa-se que a região que apresenta maior índice de Gini é a sudeste (que compreende SP, ES, RJ e MG) e a que detém menor índice é a região norte (Luna, F. V.; Klein, H. S., 2010).



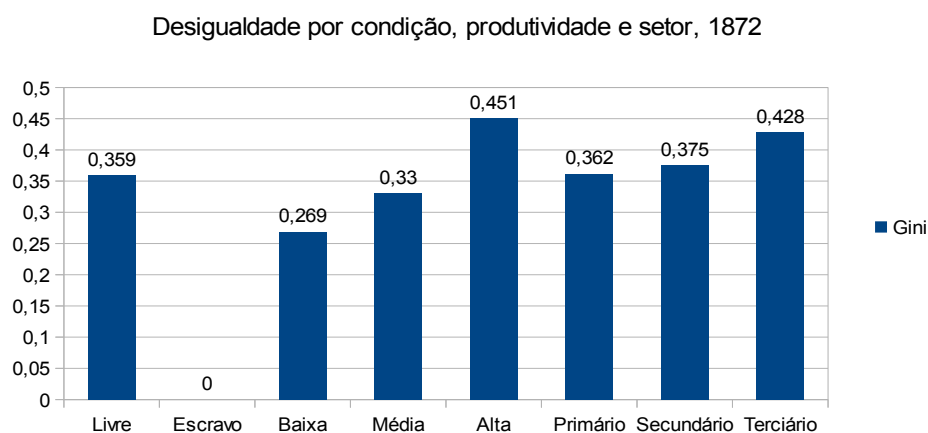
Gráfico 1 - Gini por Região - Brasil, 1872



Fonte: Bértola et al (2006).

O gráfico seguinte apresenta o Gini medido por setor de ocupação, pelo nível de produtividade e por condição. Entre setores, o terciário, que alocava 26,7% da população, é a que apresentava o menor índice de desigualdade; quanto ao nível de especialização, as maiores desigualdades encontram-se entre a população de apresenta maior produtividade e maior taxa de alfabetização, o que indica que entre os iletrados as diferenças salarias não eram tão grandes quanto as diferenças salarias entre pessoas ricas.

Gráfico 2 - Desigualdade por Condição, Produtividade e Setor - Brasil, 1872



Fonte: Bértola et al (2006).

Bértola et. Al. entendem que a história brasileira de desigualdade, apesar de diversos autores considerarem que houve queda na desigualdade durante parte do século XX, é contínua e apresenta-se ainda como uma das maiores do mundo.

Em outro trabalho, feito como uma revisão do anterior, Bértola et al (2009) continuam o debate sobre a desigualdade como um limitador do crescimento econômico. Sobre a crise da sociedade escravista, Bértola et al (2009) afirmam que essa possibilitou o aumento da oferta de mão de obra com pouca qualificação, o que tenderia a manter uma grande massa de trabalhadores com baixos níveis salariais, o que viria a manter uma desigualdade muito grande. Acreditamos, dada essa informação, que a Abolição, dados os costumes vigentes até então, proporcionou a criação de maiores desigualdade sociais, até porque a integração do negro numa sociedade racialmente hierarquizada levantava maiores preconceitos contra a cor da pele, manifestação de uma forma de garantir o lugar do branco pobre e diferenciá-lo do negro nos trabalho de baixa qualificação.

Bértola et al (2009) parecem sustentar nossa afirmação de que a desigualdade no Brasil, apesar de ser uma das mais altas, apresenta uma particularidade, que é a tendência inercial, ou desigualdade durável, como diria Charles Tilly.

Bértola et. Al. concluem o seu segundo trabalho sobre desigualdade no Brasil com muitos questionamentos: como *Será que a desigualdade pode prejudicar o crescimento? Que tipo de desigualdade? Quais são as causas da desigualdade? É a desigualdade um resultado inevitável ou mesmo desejável do crescimento moderno ou foi uma característica persistente da sociedade brasileira?* (Bértola et al, 2009: 19-20). O que se depreende dos estudos deste autor é que, embora sua preocupação em grande parte das pesquisas realizadas seja o entendimento da desigualdade brasileira no Brasil oitocentista, a pouca importância dada aos escravos, tamanho peso que exerciam sobre a economia brasileira contaminada pelo preconceito racial, afasta o autor do entendimento efetivo das desigualdade salariais e de posse de riquezas e conseqüentemente de como a desigualdade se tornou persistente no Brasil.

Procurando contribuir para esta afirmação, buscamos mostrar que as relações entre distribuição de ocupações, baixos salários, grande esforço físico e cor de pele, formam os reais condicionantes para o entendimento da desigualdade social brasileira e de sua persistência. A partir das listas nominativas procuramos com mais detalhes analisar esses fatores de forma a buscar qual relação cada um estabelecia e qual impacto que um exercia sobre os demais. A isto nos dedicaremos nossos próximos capítulos.

## CAPÍTULO 3 – OBSERVAÇÕES ACERCA DA SÓCIO ECONOMIA MINEIRA NO SÉCULO XIX

### **Análise Sócio Econômica de Minas Gerais no Século XIX**

O surto demográfico em Minas Gerais se deu combinado com os movimentos econômicos que levaram ao descobrimento de metais preciosos na região; a formação da demografia foi alavancada, então, pelo trabalho nas lavras. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda (1977), a sociedade de Minas Gerais é uma combinação de elementos de várias procedências, destacam-se índios, bandeirantes, negros e europeus. Ainda segundo o autor, a ocupação do território se deu de forma democrática, em comparação com a das regiões nordestinas açucareiras.

Holanda (1977) afirma que os primeiros conglomerados sociais se estabeleceram nas zonas mais opulentas de Minas Gerais, opulência resultante da descoberta de metais preciosos. Para o autor, a decadência da mineração estimulou a produção de açúcar em Minas Gerais que, devido a sua posição geográfica, não pode concorrer vantajosamente com o Rio de Janeiro. Com isso, a produção açucareira foi destinada ao consumo local (FAUSTO, B. *História Geral da Civilização Brasileira*. Pág. 282.)

Argumento parecido com este é apresentado por Celso Furtado. Segundo Furtado (2007), Minas Gerais teria sofrido um processo de desarticulação econômica devido a decadência da mineração, já que os habitantes dessa região estavam fortemente dependentes dessa economia. O autor afirma que, depois da decadência da mineração, a economia regrediu para um sistema de produção agrícola voltado para o consumo interno e de baixa produtividade Furtado, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Pág. 132-4). Afirma ainda que “todo o sistema se ia assim atrofiando, perdendo vitalidade, para finalmente desagregar-se numa economia de subsistência.” (Furtado, 2007: 132).

Em contraposição aos argumentos de Holanda (1977) e Furtado (2007), Marcondes (2009) chama a atenção para a importância de Minas Gerais na produção voltada ao abastecimento interno. O autor afirma que o sul de Minas, por exemplo, era um grande centro de produção agropecuária para fins comerciais e de abastecimento das áreas produtoras de café. Marcondes (2009) aponta Minas como grande abastecedora de porcos, toucinho, laticínios, milho, fumo, aguardente e outros produtos.

De acordo com Magalhães (2004), a sócio economia mineira do oitocentos é marcada pela queda da economia mineira e ascensão da agropecuária, embora esse fato não tenha

impactado sobre a aquisição de escravos na região, houve aprimoramento do que a autora chama agricultura de subsistência. Características marcantes como ruralização, comércio inter-regional, diversificação econômica centrada na agricultura de subsistência, são fatores que marcam a economia mineira dos oitocentos. Além disso era possível notar, nesse mesmo período, grande expansão da ocupação territorial seguido de crescimento demográfico tanto da população livre quanto da população escrava. Magalhães (2004) afirma que “a economia mineira era diversificada e com baixa especialização.” (Magalhães (2004: 37). A autora aponta ainda, sobre Minas Gerais, que “... aquela parcela social detentora de domínios escravistas controlava os movimentos de importação e de comercialização da produção, enquanto os camponeses produziam sortimentos destinados ao autoconsumo.” Magalhães (2004: 37).

### Mapa de Minas Gerais



Fonte: IBGE

Dada a imensa área que compreende o estado de Minas Gerais (em baixo, em rosa, São João del Rey, que representa Viçosa e em vermelho, a grande região de Ubá que representa Mariana), vemos que suas cidades podem diferir em muitos aspectos, uma pode ser mais próspera que a outra, pode apresentar condições de clima e solo diferenciadas, etc.

Nossa análise detalhará as regiões de Mariana e de Viçosa, ambas no sudeste de Minas Gerais.

### **3.1 Análise Sócio Econômica de Mariana no Século XIX**

A cidade de Mariana surgiu como consequência das primeiras explorações auríferas. Segundo Magalhães (2004), a euforia do ouro provocou a migração de enorme contingente populacional para essa área, contingente de brancos, pardos, pretos e índios. O esplendor da economia aurífera fez com que a produção de alimentos fosse deixada em segundo plano, o que provocou dispersão populacional em decorrência da fome (Magalhães (2004: 41). Essa situação de descaso com a produção de alimentos era complementada pela facilidade em importar alimentos, além do desinteresse em desviar o trabalho escravo das catas de ouro. A chamada Vila de Nossa Senhora do Carmo, atual Mariana, teve surtos de fome que por vezes chegava a assolar parte significativa de sua população, a exemplo do ocorrido em 1830.

O território ocupava uma área de cerca de 50.000 km<sup>2</sup> em 1831, além de relevo extremamente acidentado, com clima úmido, além de uma infinidade de rios e riachos que tornavam a agricultura propícia nessas regiões. Grande parte da população encontrava-se comprometida com empreendimentos agrícolas, em sua maioria empreendimentos de subsistência ou vinculados ao abastecimento interno. Os produtos mais comuns produzidos em Mariana eram hortaliças e frutas, os importados eram milho, feijão, queijo, arroz e azeite.

Magalhães (2004) afirma que as informações encontradas em documentos de Mariana contrariam a ideia de que Minas Gerais foi marcada, num primeiro momento, pela opulência do ouro, e num segundo, pela miséria e decadência, conforme historiografia “tradicional”. A autora afirma que havia dois grupos sociais preponderantes na economia agrícola de Mariana, os roceiros e os fazendeiros. Estes integravam a classe mais abastada da sociedade de Mariana. A autora afirma que

“A desigualdade social e econômica entre os roceiros e os fazendeiros encontrava-se na posse de escravos. Normalmente os roceiros eram pequenos ou médio proprietários de escravos, podendo também não possuir escravo algum, o que resultava em unidades agrícolas de menor porte e potencial produtivo. O trabalho escravo coexistia com o livre, porém era secundário e complementar. Assim, as relações de parentesco, a participação da família composta pelo roceiro, a mulher e os filhos eram fundamentais no processo produtivo doméstico, principalmente na época dos grandes trabalhos agrícolas, como a

derrubada e a queima da mata. Os fazendeiros, ao contrário, eram dirigentes de unidades produtivas maiores, possuindo 11 ou mais escravos, o que resultava na grande produção agrícola e pecuária. Os fazendeiros mais prósperos da região de Mariana eram os que produziam aguardente, rapadura e/ou açúcar.” (Magalhães, 2004: 49)

O tipo de agricultura era o chamado *pousio*, que dispensava o uso intensivo de mão de obra. A autora afirma que “independentemente do potencial produtivo, nessas propriedades os investimentos mais significativos voltavam-se para a mão de obra escrava e para as terras que iriam construir as roças.” (MAGALHÃES, 2004: 50).

A autora afirma que Mariana devia ter, no início do século XIX, cerca de 5.000 habitantes, embora tenha-se percebido uma diminuição gradativa no povoamento da cidade, onde em 1809 havia 3.249 habitantes, sendo 1.611 homens e 1.637 mulheres. No ano de 1819 habitavam Mariana “2.050 pessoas, distribuídas em 314 domicílios.” Para se ter uma ideia, em Mariana, em 1819, havia 1.286 livres, sendo 555 homens e 731 mulheres; estes representavam 62,7% da população total. Havia 752 escravos, desses 445 homens e 307 mulheres, correspondendo a 36,7% da população. Quanto a etnia, 18,5% eram brancos, 47,4 negros, 34% pardos e 0,1% índios Magalhães (2004: 62).

De acordo com informações da autora, sendo a maioria livre, desses 1.286 havia 310 agregados e 34 expostos (que acreditamos referir-se aos aposentados). Observa-se também, entre os escravos, número maior de homens em relação ao de mulheres, indicando a preferência para os trabalhos nas atividades agrícolas.

Juntando-se negros e pardos no mesmo grupo, temos cerca de 81% da população total. A liberdade na maioria das vezes era obtida a partir de alforria. Segundo Magalhães (2004), “algumas possibilidades provenientes da rede de relações pessoais e comerciais permitiam, muitas vezes, que o escravo extraísse o pecúlio necessário para a compra da sua alforria.” A autora afirma que em 1809 cerca de 47% da população de Mariana era formada por cativos. Uma década depois esse número passa para 36%. Além disso, em 1837 a população de Mariana era de 2.040 almas, distribuídas em 336 fogos (fogos seriam nomes dados a casas, habitações, lares). Em 1819 a cidade contava com “8 escrivães, 17 religiosos, 7 advogados, 1 tabelião, 1 tesoureiro, 1 solicitador, 4 meirinhos, 1 dizimeiro, 1 alcaide, 1 carcereiro e 1 porteiro.” (Magalhães, 2004: 64-5).

A partir da citação acima observamos que a organização social de Mariana estava embasada na distribuição de ocupações a partir da cor da pele, já que a escravidão ainda

detinha papel muito importante sobre essa sociedade. Predominava, além da desigualdade de cor de pele, a desigualdade entre homens e mulheres.

“Os estabelecimentos comerciais mais prósperos e a concentração da riqueza, de uma maneira geral, estavam nas mãos de um grupo social específico, apresentando o seguinte perfil: branco, titulado, dirigia negócio, dedicava-se a algum cargo público e, por vezes, dispunha de terras e minas.” (Magalhães, 2004: 73).

A questão racial era de fundamental importância delineando quais ocupações cada um devia seguir, dadas as exigências de esforço físico que a mesma referia e dado o maior ou menor prestígio social que cada ocupação detinha.

### **3.2 Análise Sócio Econômica de Viçosa no Século XIX**

Viçosa foi inicialmente habitada por índios do grupo Tupi. Seu povoamento logo se deu por consequência das rotas de transporte do ouro que era levado para o Rio de Janeiro. A decadência do ouro provocou o deslocamento de habitantes das regiões auríferas para a chamada Zona da Mata, que era uma região de fronteira agrícola.

A ocupação se deu por volta de 1800, era chamada região de Santa Rita do Turvo. Seu povoado foi inicialmente dividido em três regiões: Patrimônio de Santa Rita, Patrimônio da Matriz e o Patrimônio de São Francisco. A partir da Lei Provincial n. 1.871 de 1832, Santa Rita do Turvo foi elevada à categoria de Vila. Em 1876 foi elevada à categoria de cidade com o nome de Viçosa de Santa Rita. Em 1885 houve a construção da estrada de ferro Leopoldina Railway. Em 1911 o município passou a ser chamado somente de Viçosa.

Algumas das primeiras economias se deram pelo comércio de tecidos e de calçados. Importante a participação de imigrantes italianos, no século XIX, para o aperfeiçoamento do comércio, já que destacavam-se como artesãos e alfaiates. Característica forte da economia de Viçosa é a predominância da agricultura de arroz, feijão, mandioca, além de leite, gado, suínos, frango de corte e apicultura.

Viçosa possuía, em 1831, 1.827 habitantes. Segundo Machado (2006), 61,4% dos trabalhadores eram lavradores, seguidos de 11,38% como jornaleiros, 9,34% listados como “sem referencia”, 6,1% como negociantes, 3,25% como carpinteiros. A autora afirma que “ao todo 53,64% dos lavradores homens aparecem sem nenhum escravo. Não foram encontrados

registros de posse de escravos entres os trabalhadores manuais e os artesãos, grupo que totaliza 13,4% dos chefes de fogo.” (Machado, 2006: 11). A autora nos mostra ainda que dos chefes de família por cor, 45,3% eram pardos, 1,9% eram brancos, 4,02% crioulos, 1% pretos e 0,33% de índios. Cabe salientar que os homens respondiam por 82,5% do total dos fogos e que o número de pardos era de 135 enquanto o de brancos era de 95. Entre as mulheres, eram 8,05% de brancas chefes de fogos, 7,72% pardas e ,68% de crioulas, totalizando 17,5%. A autora ainda levanta que a maioria da população de Viçosa, e conseqüentemente a maioria dos lavradores, era parda.

Feita esta breve apresentação da realidade sócio- econômica das duas cidades a serem estudadas, percebe-se que a agricultura eram predominante em ambas por isso, a profissão de lavrador também era muito comum. Os elevados percentuais devem-se, na maior parte das vezes, ao número absoluto de pessoas de determinada cor do que efetivamente à alocação da distribuição ocupacional. Assim, é muito comum encontrar mais pardos que brancos como lavradores porque o número de indivíduos pardos é maior que o de brancos, da mesma forma pode-se constatar que a totalidade dos índios era de lavradores embora não produzissem para o comércio e sim para a própria subsistência.

A análise detalhada das listas e o cruzamento dos dados é que nos possibilitarão identificar as relações entre cor de pele e ocupação, bem como as conseqüências dessa relação sobre a distribuição de renda e riqueza em Mariana e em Viçosa no século XIX. Esta análise será feita no próximo capítulo.



## CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DAS LISTAS NOMINATIVAS DO SÉCULO XIX - AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E RIQUEZA

Para uma análise mais precisa da relação entre desigualdade de renda e cor da pele, vamos nos servir das informações existentes nas listas nominativas, fontes documentais que nos trazem um retrato do comportamento dessas sociedades.

### 4.1 Lista Nominativa de Mariana em 1804

Com os dados da lista nominativa criamos a tabela abaixo. Deve ser observado que estes registros não se referem a Mariana como um todo e sim à localidade de Presédeo.

**Tabela 4 - População em relação a Cor e Ocupação - Mariana, 1804**

|                     | Branco | Pardo | Crioulo | Preto | <i>Total</i> |
|---------------------|--------|-------|---------|-------|--------------|
| Alfaiate            | 2      | 6     | 3       | -     | 11           |
| Carpinteiro         | -      | 5     | 2       | -     | 7            |
| Comerciante         | 2      | 5     | 2       | 2     | 11           |
| Estudante           | 1      | 2     | 1       | -     | 4            |
| Fiscador            | -      | -     | 6       | 4     | 10           |
| Ferreiro            | -      | 3     | -       | -     | 3            |
| Mineiro             | 1      | 1     | 2       | 1     | 5            |
| Oficial de Justiça  | -      | 3     | -       | -     | 3            |
| Sapateiro           | -      | 7     | 5       | -     | 12           |
| Vive de sua Agência | 4      | 18    | 5       | 6     | 33           |
| <i>Total</i>        | 10     | 50    | 26      | 13    | 99           |

**Fonte: Lista Nominativa de Mariana, 1804**

Chama a atenção o número muito baixo de indivíduos ocupados da cor branca. Embora a grande maioria que ocupa cargos mais privilegiados seja de pardos, seu número era bem superior ao de brancos. Convém notar que os pardos estavam mais distribuídos nas ocupações enquanto os brancos estavam mais restritos às ocupações que detinham maior privilégio. Dado o número muito pequeno de indivíduos brancos listados no censo, embora seja de notar

que não ocupam profissões menos privilegiadas, como fiscoador, ferreiro e sapateiro. Por outro lado, a ocupação de oficial de justiça não abarca nenhum branco. Já de estudante pode-se apontar para uma possibilidade que somente uma amostra maior poderia afirmar com mais segurança.

A vila de Mariana, passados 15 anos, apresentou mudanças significativas, como o aumento populacional (considerando-se arredores de Presídeo e Ubá) principalmente da população de cor branca, além de uma gama mais diversificada de ocupações. Um maior equilíbrio entre população por raça também é constatado, pelo aumento de brancos equiparando-se ao de negros, evidenciando o que a historiografia chamou de aumento na demografia e nas taxas de fecundidade, inclusive de cativos. A análise da lista de Mariana de 1819, por apresentar maior número de habitantes revelando um aumento na amostra observada, nos proporcionará uma análise mais segura das relações entre cor de pele e desigualdade na distribuição de ocupações.

## **4.2 Lista Nominativa de Mariana em 1819**

Com relação à lista nominativa de Mariana, de 1819, pode-se inferir algumas observações. A região de Mariana era compreendida por Presídeo, Fora do Arraial de Presídeo, Ubá e Fora do Arraial de Ubá. Presídeo apresentava uma população de 417 habitantes, enquanto Fora do Arraial de Presídeo uma população de 2.262 habitantes. Ubá, por sua vez, apresentava uma população de 86 habitantes enquanto Fora do Arraial de Ubá uma população de 926 habitantes.

Observou-se, a partir da análise da lista nominativa de Mariana de 1819, que 22,78% dos habitantes de Presídeo encontrava-se ocupada (Tabela 5), enquanto para as demais regiões era de 18,39% (Tabela 7), 15,15% (Tabela 9) e 12,42% (Tabela 11), respectivamente, com relação ao total da população.

### **4.2.1 Presídeo**

As ocupações de maior prestígio, exigiam menor esforço físico e que auferiam maior remuneração eram roceiro ou fazendeiro, negociante, agricultor(a) ou lavrador, carpinteiro e ferreiro; professor e estudante eram ocupações que significavam prestígio social, além de a

segunda ocupação ser quase que um monopólio de brancos, o que não impedia que alguns pardos conseguissem acesso à educação. Essa situação era comum tanto a Presídeo e arredores quanto a Ubá e arredores.

O prestígio das ocupações foi determinado a partir de uma tabela de salários médios em mil réis extraída dos dados de Schwartz (1988). Essa tabela será utilizada como parâmetro para a análise dos salários.

**Tabela 5 - Pagamento Médio para ocupações selecionadas: avaliação especial para o dote de Catarina de Bragança e a Paz da Holanda, (1664-1666) - Pernambuco**

| <b>Ocupação</b>            | <b>Pagamento (réis)</b> |
|----------------------------|-------------------------|
| Senhor de engenho          | 36500                   |
| Lavrador de Cana           | 5160                    |
| <i>feitor mor</i>          | 2750                    |
| <i>banqueiro</i>           | 2250                    |
| <i>mestre de açúcar</i>    | 2200                    |
| ourives                    | 1330                    |
| <i>purgador</i>            | 1220                    |
| ferreiro                   | 710                     |
| carpinteiro                | 685                     |
| sapateiro                  | 620                     |
| oficial de açúcar          | 600                     |
| oleiro                     | 580                     |
| pedreiro                   | 550                     |
| feitor                     | 525                     |
| agricultor de subsistência | 525                     |
| alfaiate                   | 490                     |
| pescador                   | 438                     |

**Fonte: Schwartz, S. *Segredos Internos*. 1988**

A partir desta tabela consideramos como ocupações de prestígio Senhor de Engenho, que em nosso estudo seria o roceiro ou fazendeiro; segundo temos o lavrador que também podia ser o agricultor; em seguida temos ferreiro e carpinteiro. Entre as menos prestigiadas temos, em ordem da maior para a menor, sapateiro, feitor, agricultor de subsistência (que em nossas listas de Mariana era muito comum a índios), alfaiate e pescador.

Vemos que havia maioria de brancos, seguida de pardos e alguns crioulos alocados nessas ocupações. Logo, como maioria de brancos, estes acabavam recebendo os melhores salários em relação a pardos e crioulos.

**Tabela 6 - População Livre segundo Cor e Ocupação - Presídio, 1819**

| Ocupações    | Branco    | Pardo     | Crioulo  | Preto    | Índio    | Total     |
|--------------|-----------|-----------|----------|----------|----------|-----------|
| Agricultor   | 8         | 13        | 1        | 0        | 1        | 23        |
| Agricultora  | 2         | 1         | 2        | 0        | 0        | 5         |
| Alfaiate     | 1         | 2         | 0        | 0        | 0        | 3         |
| Barbeiro     | 0         | 0         | 0        | 1        | 0        | 1         |
| Camarada     | 0         | 1         | 0        | 0        | 0        | 1         |
| Carpinteiro  | 7         | 2         | 1        | 0        | 0        | 10        |
| Cirurgião    | 0         | 1         | 0        | 0        | 0        | 1         |
| Coadjutor    | 1         | 0         | 0        | 0        | 0        | 1         |
| Estudante    | 4         | 1         | 0        | 0        | 0        | 5         |
| Ferreiro     | 2         | 2         | 0        | 0        | 0        | 4         |
| Fiadeira     | 0         | 3         | 0        | 0        | 0        | 3         |
| Fiadeira     | 1         | 0         | 0        | 0        | 0        | 1         |
| Jornaleiro   | 0         | 4         | 0        | 0        | 0        | 4         |
| Latoeiro     | 1         | 0         | 0        | 0        | 0        | 1         |
| Negociante   | 14        | 8         | 1        | 0        | 0        | 23        |
| Paneleira    | 0         | 1         | 0        | 0        | 0        | 1         |
| professor    | 1         | 0         | 0        | 0        | 0        | 1         |
| Sapateiro    | 3         | 2         | 0        | 0        | 0        | 5         |
| Vendeiro     | 1         | 0         | 1        | 0        | 0        | 2         |
| <b>Total</b> | <b>46</b> | <b>41</b> | <b>6</b> | <b>1</b> | <b>1</b> | <b>95</b> |

**Fonte: Lista Nominativa do Município de Mariana, 1819 - código 398**

Explica-se o baixo, percentual de habitantes com alguma ocupação, cerca de 20%, pelo fato de existirem, além de crianças, muitos cativos. Para as regiões citadas acima - Presídeo, Fora do Arraial de Presídeo, Ubá e Fora do Arraial de Ubá, estima-se o percentual de cativos em 11,75%, 20,03%, 21,21% e 59,18%, respectivamente. O restante do percentual é composto por crianças de até 15 anos e pessoas que não declararam uma ocupação na data do levantamento.

**Tabela 7 - População segundo Cor e Condição - Presídio, 1819**

|        | Branco | Pardo | Crioulo | Preto | Índio |
|--------|--------|-------|---------|-------|-------|
| Livre  | 172    | 167   | 22      | 2     | 5     |
| Cativo | 0      | 8     | 26      | 15    | 0     |
| Total  | 172    | 175   | 48      | 17    | 5     |

Fonte: Lista Nominativa do Município de Mariana, 1819 - código 398

Quanto ao número de famílias, Presídeo contava com um número de 102 famílias, com uma média de 4,08 habitantes por família; Fora do Arraial de Presídeo com 395 famílias e média de 5,72 habitantes por família; Ubá apresentava 14 famílias, com média de 6,14; e Fora do Arraial de Ubá com 120 famílias e média de 7,71 habitantes por família.

**Tabela 8 - População segundo Cor e Ocupação - Fora do Arraial de Presídio, 1819**

|             | Branco | Pardo | Crioulo | Preto | Índio | Total |
|-------------|--------|-------|---------|-------|-------|-------|
| Agricultor  | 145    | 97    | 22      | 3     | 114   | 381   |
| Agricultora | 7      | 14    | 1       | 0     | 0     | 22    |
| Alfaiate    | 1      | 2     | 0       | 0     | 0     | 3     |
| Carpinteiro | 2      | 0     | 0       | 0     | 0     | 2     |
| Jornaleiro  | 0      | 0     | 2       | 0     | 0     | 2     |
| Latoeiro    | 1      | 0     | 0       | 0     | 0     | 1     |
| Negociante  | 4      | 0     | 1       | 0     | 0     | 5     |
| Total       | 160    | 113   | 26      | 3     | 114   | 416   |

Fonte: Lista Nominativa do Município de Mariana, 1819 - código 398

O que podemos observar é que, à medida que nos deslocamos para fora dos arraiais, tanto de Presídeo quanto de Ubá, o número de índios aumentava, pois localizavam-se nas regiões mais distantes dos centros urbanos. Estes tinham uma posição melhor em comparação com crioulos e pretos, pois não podiam ser escravizados. Eram agricultores, trabalhando para subsistência, diferentemente dos pardos, pretos, crioulos e brancos, que trabalhavam para comercializar no comércio local; muitas vezes era possível encontrar brancos comercializando com outras províncias de Minas Gerais.

**Tabela 9 - População segundo Cor e Condição - Fora do Arraial do Presídio, 1819**

|        | Branco | Pardo | Crioulo | Preto | Índio |
|--------|--------|-------|---------|-------|-------|
| Livre  | 614    | 536   | 90      | 13    | 556   |
| Cativo | 0      | 101   | 233     | 119   | 0     |
| Total  | 614    | 637   | 323     | 132   | 556   |

Fonte: Lista Nominativa do Município de Mariana, 1819 - código 398

Da população analisada em Presídeo e Fora do Arraial de Presídeo, temos que, considerando as ocupações mais privilegiadas, o percentual de negociantes brancos era de 61%, de pardos era de agricultor 35% e de crioulos era de 4%. Os que se declararam estudantes eram 80% brancos e 20% pardos. Carpinteiros eram 70% brancos, 20% pardos e 10% de crioulos. Já para a ocupação de agricultor os números eram mais igualmente distribuídos, com 37,5% de brancos, 38,5% de pardos, 22% crioulos e 2% de índios. Os ferreiros eram 50% brancos e 50% pardos.

Da população de Fora do Arraial de Presídeo, para negociante tinha-se 80% brancos e 20% crioulos. Para carpinteiro tem-se que 100% deles eram brancos e para agricultor, tem-se 34,94% brancos, 44,55% pardos, 5,16% crioulos, 0,4% pretos e 14,96% de índios ocupados nessa tarefa.

Entre as profissões menos prestigiadas, que auferiam menor remuneração, destacam-se os trabalhos manuais, como alfaiate, barbeiro e sapateiro. Entre os alfaiates, 33% eram brancos e 67% eram pardos. Entre os barbeiros, 100% deles eram pretos. Entre os sapateiros, 60% eram brancos e 40% pardos. Fora do Arraial de Presídeo, os alfaiates eram 33,3% brancos e 66,67% pardos.

Esses dados deixam nítida a predominância de brancos em cargos mais prestigiados e de negros pardos e crioulos nos cargos com menor prestígio. Dada a tabela de salários desenvolvida por Schwartz (1988), temos que a relação entre cor de pele e distribuição de ocupação adquiria uma característica que era muito comum não só em Presídeo, mas em outras regiões, que é a de que a cor de pele exercia influência sobre a alocação dos trabalhadores nas ocupações, onde, entre os livres, os indivíduos mais negros, se dedicavam a ocupações que exigiam maior esforço físico e eram menos prestigiadas, já que em uma sociedade escravista e rural, a riqueza, o poder e o prestígio social eram proporcionais à quantidade de terra e de escravos que o trabalhador possuía. Esses ativos permitiam a geração de renda, poder político e prestígio social.

A análise das listas nominativas se estende a outra região da Vila de Mariana, a região de Ubá, que assim como Presídeo, apresenta uma parte mais urbana e central, qual seja, a de Ubá, e uma região mais periférica, onde se localizam os índios em grande maioria.

#### 4.2.2 Ubá

A região de Ubá estava localizada próxima à de Presídeo e assim como essa possuía uma parte mais central e mais urbana, seguida de uma região mais fronteira e periférica, onde ficavam localizados os índios. O estudo dessa região, ao mesmo tempo complementar a Presídeo, serve como mais uma evidência da classificação das distribuições ocupacionais segundo declaração da população constante nas listas nominativas. Na região urbana de Ubá percebe-se predomínio de pardos livres, embora somente 6 deles declararam profissão. Na análise das profissões, apesar da pequena amostra, evidencia-se também a predominância de brancos em uma ocupação privilegiada (negociante), de pardos como jornaleiros e alguns crioulos entre jornaleiro e sapateiro.

**Tabela 10 - População segundo Cor e Ocupação - Ubá 1819**

|            | Branco | Pardo | Crioulo | Preto | Índio | Total |
|------------|--------|-------|---------|-------|-------|-------|
| Agricultor | 0      | 1     | 0       | 0     | 0     | 1     |
| Jornaleiro | 0      | 3     | 1       | 0     | 0     | 4     |
| Negociante | 2      | 1     | 0       | 0     | 0     | 3     |
| Sapateiro  | 0      | 1     | 1       | 0     | 0     | 2     |
| Total      | 2      | 6     | 2       | 0     | 0     | 10    |

Fonte: Lista Nominativa do Município de Mariana, 1819 - código 398

De acordo com a declaração de ocupações por cor da região de Ubá e Fora do Arraial de Ubá, temos que, entre as ocupações mais privilegiadas, que eram negociante, agricultor e carpinteiro, temos que, entre os negociantes, 66,67% eram brancos e 33,33% eram pardos. Entre os agricultores de Ubá temos que eram 100% pardos.

**Tabela 11 - População segundo Cor e Condição - Ubá, 1819**

|        | Branco | Crioulo | Pardo | Preto | Índio | Total |
|--------|--------|---------|-------|-------|-------|-------|
| Livre  | 7      | 9       | 43    | 0     | 0     | 59    |
| Cativo | 0      | 4       | 1     | 2     | 0     | 7     |
| Total  | 7      | 13      | 44    | 2     | 0     | 66    |

Fonte: Lista Nominativa do Município de Mariana, 1819 - código 398

Analisando Fora do Arraial de Ubá, temos que os feitores eram 100% brancos, os carpinteiros eram 100% pardos e entre os agricultores, havia 53,21% brancos, 26,61% pardos, 1,83% pretos e 18,35% de índios nessa categoria. As ocupações menos privilegiadas em Ubá,

temos que os sapateiros eram 50% pardos e 50% crioulos. Entre os jornaleiros temos 75% pardos e 25% crioulos.

**Tabela 12 - População segundo Cor e Ocupação - Fora do Arraial de Ubá 1819**

|             | Branco | Crioulo | Pardo | Preto | Índio | Total |
|-------------|--------|---------|-------|-------|-------|-------|
| Agricultor  | 58     | 0       | 29    | 2     | 20    | 109   |
| Capelão     | 1      | 0       | 0     | 0     | 0     | 1     |
| Carpinteiro | 0      | 0       | 1     | 0     | 0     | 1     |
| Feitor      | 1      | 0       | 0     | 0     | 0     | 1     |
| Jornaleiro  | 0      | 0       | 1     | 0     | 0     | 1     |
| Tropeiro    | 1      | 0       | 1     | 0     | 0     | 2     |
| Total       | 61     | 0       | 32    | 2     | 20    | 115   |

**Fonte: Lista Nominativa do Município de Mariana, 1819 - código 398**

Comparando-se as duas regiões de Mariana, percebe-se que as ocupações variavam muito, principalmente se nos distanciamos de Presídeo, região mais urbana, e nos aproximamos de Ubá, região mais rural e periférica.

**Tabela 13 - População segundo Cor e Condição - Fora do Arraial de Ubá, 1819**

|        | Branco | Crioulo | Pardo | Preto | Índio | Total |
|--------|--------|---------|-------|-------|-------|-------|
| Livre  | 330    | 4       | 189   | 3     | 126   | 652   |
| Cativo | 0      | 165     | 28    | 81    | 0     | 274   |
| Total  | 330    | 169     | 217   | 84    | 126   | 926   |

**Fonte: Lista Nominativa do Município de Mariana, 1819 - código 398**

Percebe-se forte influência da cor de pele sobre a distribuição de ocupações, onde os percentuais indicam que os brancos dominavam algumas profissões que eram prioritárias para esse grupo, enquanto pardos, crioulos e pretos eram alocados em ocupações mais braçais e artesanais, como sapateiro, alfaiate e pescador.

As ocupações de menor prestígio eram as que exigiam maior esforço físico e proporcionavam menor remuneração, como vendeiro, jornaleiro e sapateiro, cujos rendimentos estavam acima somente dos trabalhos no campo. Logo, tendo como consequência a distribuição salarial, brancos recebiam mais que pardos, estes recebiam mais que crioulos e estes mais que pretos.

Em termos percentuais, a maioria dos brancos estava ocupada como negociante ou agricultor; um percentual menor de pardos era alocado nestas mesmas ocupações. Crioulos e pardos eram em sua maioria cativos; os poucos trabalhadores livres, destas duas categorias, eram sua maioria crioulos, apontando uma preferência por estes em comparação com os



pretos, que apresentavam os menores percentuais de trabalhadores livres, tendo cerca de 90% de sua população cativa.

Ficou evidenciado que a relação entre cor da pele e distribuição de ocupações agia no sentido de exercer uma divisão categorial, onde os mecanismos usados para essa desigualdade se baseavam em fatores fenotípicos, na origem social e mesmo no tipo de ocupação que o indivíduo havia aprendido como ofício. Esses mecanismos de segregação exerciam pressão sobre as barreiras de oportunidades que acabavam por excluir indivíduos de cor, em grande parte devido à herança negativa que carregam da escravidão.

A análise das listas de Mariana deixa nítido que a distribuição de ocupações estava caracterizada racialmente, o que veio a coincidir que negros auferissem menores remunerações, justamente por estarem empregados em ocupações que eram mais desprezadas e exigiam maior esforço físico. Salientamos também a ligação muito forte da figura do negro com a do escravo, onde o primeiro passou a carregar a herança negativa da escravidão dada a cor de sua pele. Logo, os indivíduos que tinha pele mais escura eram comumente excluídos da vida social, do acesso a educação, cargos melhores, obtenção de bens e riquezas.

No caso de Viçosa essa situação não muda, tanto por causa de sua proximidade com Mariana quanto por causa do tipo de colonização de ambas, em que predominou predominava o pensamento europeu do século XVI. Com os dados de Viçosa, por sua vez, é possível ir mais a fundo na análise das desigualdades, devido ao fato de a lista apresentar declaração de rendimentos para seus habitantes, além das características também presentes em Mariana.

### **4.3 Lista Nominativa de Viçosa em 1825**

A lista nominativa de Viçosa, de 1825, apresenta uma série de informações cujo cruzamento de dados permitem uma análise mais quantitativa da desigualdade social traduzida, em particular, pela distribuição de renda e riqueza – sendo esta última analisada a partir da posse de escravos. Os escravos representavam um papel muito importante nas Minas oitocentistas, quando do declínio do ouro, muito dessa mão de obra pode ser utilizada na agricultura, no auxílio da plantação para comércio ou mesmo de subsistência.

Em Viçosa, tanto quanto em Mariana, o poder era resumido no número de escravos que a pessoa detinha, como um exemplo de riqueza. Assim, quanto mais escravos a pessoa detinha, maior seria seu prestígio perante a sociedade da província e maiores as possibilidades

de esse indivíduo ter poder político e social, garantir cargos na administração da província, conseguir privilégios.

Dado o nível relativo de renda da população, de baixa renda per capita – com média de \$128 réis por pessoa – obrigava os donos de fogos, mulheres e filhos a trabalharem na agricultura, e quando muito conseguiam comprar 1 escravo, este trabalhava na agricultura junto com o patrão e os filhos deste. Apesar do nível muito baixo de renda na população de Viçosa, as desigualdades na distribuição de renda e riqueza eram expressivas, o que poderemos ver pelos respectivos índice de Gini., que serão calculados em seguida.

#### ***4.3.1 Desigualdade de Renda***

Pelo fato de o índice de Gini ser o mais comum e mais fácil de ser calculado, o utilizaremos para nossa análise de distribuição de renda e riqueza, adotando, particularmente, a metodologia adotada por Hoffmann (1998).

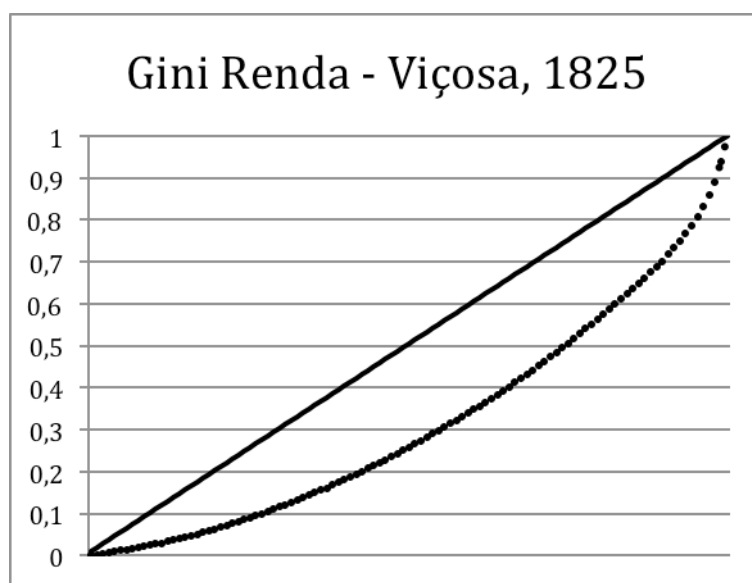
##### **4.3.1.2 Análise da Distribuição do Gini da Renda**

O Usando a metodologia de Hoffmann (1998) e os dados declaradas na lista nominativa obtivemos um Gini de 0,372, para a distribuição da renda em Viçosa em 1825. Comparando este Gini com o Gini mais próximo calculado por Bértola et al (2009), que seria para Minas Gerais em 1872, de um Gini de 0,502, constatamos que a desigualdade em Viçosa era bem menor. Segundo os cálculos de Bértola et al (2009), esse seria o segundo maior Gini da região Sudeste. O primeiro pertence a Rio de Janeiro e era de 0,759. O de Rio de Janeiro era o único maior que a média da região para 1872, que era de 0,640.

De acordo com o Gráfico do Anexo 3, também calculado por Bértola et al (2006), o Gini do Brasil era, em 1872, de 0,402. Para um período mais próximo de nossa lista nominativa de Viçosa de 1825, Bértola et al (2006) apresenta um Gini do Brasil em 1839 de 0,401. A questão é saber se o nosso Gini de renda de 0,372 é alto ou baixo frente ao Gini de Minas Gerais de 1872 de 0,502 e frente ao Gini do Brasil de 1839 de 0,401. Primeiramente comparando o de Minas Gerais de 1872 com o do Brasil para o mesmo período, percebe-se que o de Minas Gerais era bem mais alto. Tendo essa informação como base, a análise de

1839 comparando com 1825 indica que o Gini nacional 0,401 era maior que o Gini de Viçosa (0,372). Apesar da diferença de 14 anos para os dados e de se tratar de uma comparação entre Viçosa comparada com a média brasileira, poderíamos concluir, sempre tendo em conta a limitação dos dados e as diferenças nos cálculos do Gini por nós e por Bértola et al, que a baixa desigualdade em Viçosa puxava para baixo o índice de Gini de Minas e do Brasil.

Gráfico 3 - Curva de Lorenz para distribuição de renda em Viçosa, 1825



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Lista Nominativa de Viçosa, 1825

Apesar da nossa insegurança em afirmar se o Gini de Viçosa para distribuição de renda era baixo ou não, temos que esse indicador apresenta-se como uma evidência de que a renda era desigualmente distribuída. A análise dos decis deixa um pouco mais clara essa situação. Pelos percentuais de apropriação da renda total disponível, temos que os 10% mais ricos detinham 29,79% da renda total. Os 20% mais ricos detinham 43,65% da renda total. Já os 50% mais pobres detinham 25,06% de toda a renda de Viçosa em 1825. É perceptível que um percentual muito pequeno de privilegiados detinha uma parte significativa da renda, quando os 10% mais ricos detinham um percentual maior que os 50% mais pobres.

Segundo as informações da lista de declaração de raça, entre os 10% mais ricos somente 27,27% eram pardos e 0% eram negros. Entre os 20% mais ricos, também 27,27%

eram pardos e 0% eram negros. Entre os 50% mais pobres, 1,8% eram pretos<sup>1</sup> e 47,27% eram pardos.

Essa realidade de distribuição desigual também pode ser observada para a distribuição de riqueza, dada pela posse de escravos. Se ter escravo significa prestígio social então era mais difícil de se conseguir escravos, de modo que as discrepâncias entre os que tinham mais dessa riqueza e os que tinham menos é bem maior que a apontada pelo Gini de renda.

#### ***4.3.2 Desigualdade de Riqueza – Posse de Escravos***

A sociedade de Viçosa em 1825 era uma sociedade rural e escravista, embora, e principalmente, em função do baixo nível de renda dessa população, o trabalho livre coexistir junto com o trabalho escravo, caracterizando uma sociedade de renda baixa, onde os proprietários muitas vezes tinham de trabalhar ao lado de seu escravo, dada a incapacidade de adquirir mais dessa riqueza. Neste tipo de sociedade, como antes observamos, terra e escravos são os principais ativos e a principal forma da riqueza.

A escolha da posse de escravos para o cálculo de riqueza se dá pelo fato de esse tipo de informação – número de escravos por fogos – estar contida no levantamento da lista nominativa.

O Gini de 0,525 para a distribuição de escravos, obtido a partir de nossa análise da lista nominativa de Viçosa de 1825 apresenta-se como um valor elevado, se comparado ao Gini de renda (0,372). A curva mais acentuada para riqueza – maior Gini - em comparação à renda, se deve ao fato de ser muito mais difícil para um negro comprar um escravo que conseguir renda, pois ele precisaria auferir uma renda que permitisse economizar o suficiente para comprar um escravo.

Interessa notar que na sociedade escravista brasileira, é possível encontrarmos casos de negros que conquistavam sua alforria e trabalhavam ainda mais para se tornarem lavradores e adquirirem escravos. A mentalidade dos ex-escravos era de que o trabalho era algo ruim e degradante, o que fazia com que os escravos quisessem livrar-se do trabalho forçado, preferindo mais lazer, trabalhando o necessário somente para a subsistência. Apesar

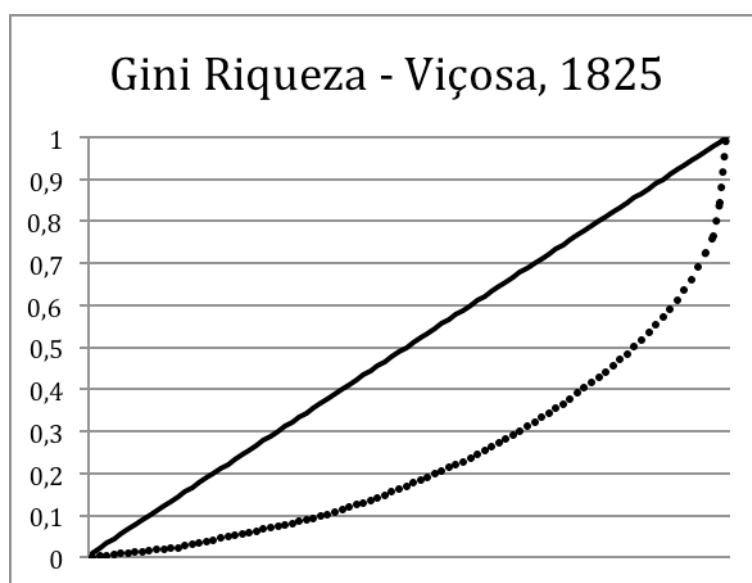
---

<sup>1</sup> O número de pretos era muito baixo porque a maioria dos pretos era escravo. Exemplo disso é que em Mariana, em 1819, 11,76% dos pretos era livre enquanto o restante era escravo. Esse percentual baixo não invalida nossas informações, até porque os pretos livres encontram-se nas ocupações mais desprezadas, auferiam menores salários e eram os que menos tinham escravos na realidade de Viçosa em 1825.

de todas as dificuldades, o chefe de família, mesmo negro, não hesitava na possibilidade de comprar escravos, uma vez que esse o ajudaria na agricultura, aumentando a produção e o rendimento da família, além de elevar seu *status* social e talvez proporcionar mais tempo de lazer para o patrão, uma vez que o escravo assumiria parte das tarefas. Ao tempo em que o pensamento de que o próprio negro, a partir do ócio, era responsável por seu baixo nível de renda frente aos brancos, a mentalidade de adquirir escravos corrobora com essa hipótese.

O gráfico de distribuição de riqueza – posse de escravos – serve como um indicador do nível de distribuição de escravos entre a população. A curva de Lorenz para esse caso aponta que as discrepâncias nessa análise são maiores e que são maiores também os obstáculos para se conseguir escravos.

Gráfico 4 - Curva de Lorenz para distribuição de riqueza – posse de escravos - em Viçosa, 1825



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Lista Nominativa de Viçosa, 1825

A análise dos decis deixa mais nítida a desigualdade na distribuição de escravos entre os habitantes de Viçosa em 1825, bem como fica evidente que era bem mais acentuada se compararmos com o nível de distribuição de renda. Os 10% mais ricos detinham 46,47% de todos os escravos da sociedade de Viçosa em 1825; os 20% mais ricos detinham 62,21% do total dos escravos. É muito mais desigual que a distribuição e renda, ao percebermos que os 20% mais ricos já se apropriavam de mais da metade do total da riqueza traduzida em posse

de escravos. Os 50% mais pobres possuíam apenas 4,70% do total de escravos para a mesma região e período.

Segundo informações de declaração de raça, temos que dos 10% mais ricos em posse de escravos, 9% não declararam raça, 27,27% eram pardos e o restante era branco. Entre os 20% mais ricos, 4,5% não declararam renda, 22,72% eram pardos e o restante era branco. Entre os 50% mais pobres, 41,81% eram pardos, 1,8% eram pretos e o restante era branco. Salienta-se que apesar de o número de brancos ser maior também entre os 50% mais pobres, muitos crioulos, pardos e pretos, principalmente, eram escravos. Acreditamos, dada essa observação, que após a Abolição a desigualdade tenha ficado mais acentuada no que se refere à raça, evidenciando que muito mais pardos, crioulos e pretos eram privados do acesso a renda e riqueza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade social brasileira apresenta elevado índice de Gini, um dos maiores do mundo, e essa fama tem resistido por muitos anos. Grandes têm sido os debates sobre as causas e consequências da desigualdade social, em particular de renda e riqueza, sobre o crescimento e desenvolvimento econômicos. O entendimento da desigualdade social passou a ser de fundamental importância, como um dos objetivos para a superação das dificuldades que acarretam o crescimento econômico sustentável. Romper com a história, quebrar a inercialidade das desigualdades sociais no Brasil tem sido um desafio muito custoso, pois igualdade muitas vezes não significa justiça.

A importância do entendimento das desigualdades sociais no Brasil perpassa pelo entendimento de sua conformação social e do papel que a escravidão exerceu sobre a cultura e o pensamento dos brasileiros. Acreditamos, por isso, que a escravidão seja um dos primeiros mecanismos responsáveis pelas desigualdades sociais – em particular de renda e riqueza – já que a herança negativa engendrada nos negros proporcionou a eles uma gama de obstáculos ao acesso de bens e serviços de forma igualitária. Acreditamos também que a cor de pele, em sua relação com o trabalho, impactou sobre a distribuição de ocupações, caracterizando-a racialmente e fazendo com que a cultura europeia de desprezo pelo trabalho manual e preconceito contra a cor negra se estabelecessem no Brasil.

A análise das listas revela que a distribuição de ocupações estava caracterizada racialmente, coincidindo com que negros auferissem menores remunerações, justamente por estarem empregados em ocupações que eram mais desprezadas e exigiam maior esforço físico. Dada a herança negativa da escravidão, os indivíduos que tinham pele mais escura eram comumente excluídos da vida social, do acesso a educação, cargos melhores, obtenção de bens e riquezas.

Nossos objetivos eram analisar a existência de relação entre cor de pele e distribuição de ocupações no século XIX a partir de listas nominativas. Observada a relação entre esses fatores, buscamos quais mecanismos podiam identificar essa relação; Logo avaliamos os impactos dessa relação sobre a distribuição de renda e de riqueza. Analisamos que a relação entre cor de pele e distribuição de ocupações no chamado período colonial serviu como um mecanismo para a *Construção* de barreiras ao acesso de negros à efetiva realização, como manifestação de sua liberdade.

A cor de pele foi mecanismo fundamental para o surgimento das desigualdade e o preconceito gerado a partir daí o responsável pela perpetuação dessas desigualdades até os dias atuais, caracterizando o que chamamos *Consolidação*. Além de criar obstáculo do acesso às realizações, essa relação e seus mecanismos geraram desequilíbrios na distribuição de renda e riqueza, gerando uma sociedade desigual em termos de renda e riqueza, onde esta segunda apresenta forte correlação com o fator cor de pele. Alguns resultados dos resultados obtidos nos ajudam a entender quão desigual era uma amostra da sociedade brasileira em meados do século XIX, embora não possamos generalizar esses resultados.

Um dos obstáculos às pesquisas de história econômica sobre o século XIX está na dificuldade em obter dados necessários para se fazer uma análise mais precisa sobre outras localidades e períodos anteriores. Entendemos que é preciso romper com a história e fazer com que negros, brancos, pardos, crioulos tenham igualdade no acesso a realizações. O que deverá determinar o maior ou menor sucesso de um ou de outro será dado pelas capacidades individuais.



## REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. Inequality in Latin America: breaking with history? Relatório, 2004.

BARICKMAN, B. J. Um Contraponto Baiano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BÉRTOLA, L.; CASTELNOVO, C.; REIS, E.; WILLEBALD, H. An exploration into the Distribution of Income in Brazil, 1839 - 1939. Paper presented at the XIV International Economic History Congress. Anais, Helsinki-Finland, 21 to 25 August 2006.

BÉRTOLA, L.; CASTELNOVO, C.; WILLEBALD, H. Income Distribution in Brazil, 1870 - 1920. Paper presented at the Mini conference: A Comparative Approach to Inequality and Development: Latin America and Europe. Anais, Instituto Figuerogila, Universidad Carlos III, Madrid, May 8-9, 2009.

BÉRTOLA, L.; CASTELNOVO, C.; RODRÍGUEZ, J.; WILLEBALD, H. Between the Colonial Heritage and the First Globalization Boom: on income inequality in the Southern cone. *Revista de Historia Economica, Journal of Iberian and Latin American Economic History*. Vol. 28, n. 2, p. 307-341, 2010.

BOTELHO, T. R.; LEEUWEN, M. H. D. Van. Desigualdade Social na América do Sul: perspectivas históricas. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2010.

BOTELHO, T. R. Categorias de Diferenças: ocupação, “raça” e condição social no Brasil do século XIX. *Locus, Revista de História*. Juiz de Fora, vol. 14, n. 1, p. 195-228, 2008.

CIPOLLA, C. M. Introdução ao Estudo da História Econômica. Lisboa: Edições 70, 1993.

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA (1890) Sinopse do Recenseamento de 1890.

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA (1872) Sinopse do Recenseamento de 1872.

EASTERLY, W. Inequality does cause Underdevelopment. *Journal of Development Economics*, November 2007, Volume 84, No. 2, Pages 755-776.

FAUSTO, B. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, Vol. II. São Paulo: Difel, 1977.

FREYRE, G. Entrevista concedida a Lêda Rivas em 15 de março de 1980. Disponível em <<http://bvgf.fgf.org.br/portugues/vida/entrevistas/anarquista.html>>. Acesso em março de 2012.

FURTADO, C. Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

GONÇALVES, A. L.; MEYER, M. L. C. Nas Fímbrias da Liberdade: agregados, índios, africanos livres e forros na província de Minas Gerais (século XIX). *Varia História*, Belo Horizonte, Vol. 27, n. 46, p. 645-663, jul/dez, 2011.

HENRIQUES, R. Desigualdade Racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. Brasília: Ipea, 2001.

HOFFMANN, R. Distribuição de Renda: medidas de desigualdade e pobreza. São Paulo: Edusp, 1998.

LANGONI, C. G. Distribuição de Renda e Desenvolvimento Econômico do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

LISTA NOMINATIVA DE HABITANTES. Mariana/ Minas Gerais. Códice 398, 1819.

LISTA NOMINATIVA DE HABITANTES. Turvo/ Minas Gerais, 1831.

LISTA NOMINATIVA DE HABITANTES. Viçosa/ Minas Gerais, 1825.

LUMMIS, C. Douglas. Igualdade. In: SACHS, Wolfgang. Dicionário do Desenvolvimento. 2002.

LUNA, F. V.; COSTA, I. Del N.; KLEIN, H. S. Escravidão em São Paulo e Minas Gerais. São Paulo: Edusp, 2009.

LUNA, F. V.; KLEIN, H. S. Escravidão no Brasil. São Paulo: Edusp, 2010.

MACHADO, J. M. Família e Herança em Santa Rita do Turvo (1813-1850) – um estudo demográfico. In: XII Seminário sobre a Economia Mineira, 2006, Diamantina. XII Seminário sobre a Economia Mineira, 2006.

MAGALHÃES, S. M. A Mesa de Mariana: produção de consumo de alimentos em minas gerais (1750-1850). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

MAGALHÃES, S. M. Livros de Contas do Seminário de Mariana: fonte para a análise da produção e do consumo de alimentos em Mariana na primeira metade do século XIX. Disponível em < <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2002/textos/D15.PDF> > Acesso em Janeiro de 2013.

MALHEIROS, Perdígão. A Escravidão no Brasil. 1866.

MARCONDES, R. L. Diverso e Desigual: o Brasil escravista na década de 1870. São Paulo: Funpec, 2009.

OSÓRIO, R. G. Classe, Raça e Acesso ao Ensino Superior no Brasil. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 138, p. 867-880, set/dez, 2009.

OSÓRIO, R. G. A Desigualdade Racial da Renda no Brasil: 1976-2006. Tese de Doutorado. UnB, 2009.

OSÓRIO, R. G. A Mobilidade Social dos Negros Brasileiros. Texto para Discussão No 1033. IPEA, 2004.

PAIVA, C. A.; RODARTE, M. M. S.; GODOY, M. M. Acesso Digital às Listas Nominativas: Poplin-Minas-1830, a proposta do Cedeplar para a universalização do acesso aos dados das

fontes demográficas de Minas Gerais do século XIX. XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu – MG. Setembro, 2010.

PRADO Jr., C. História Econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1976.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. Van. Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva Publicações, 1998.

SANTOS, Jorge Viana. Liberdade na Escravidão: uma abordagem semântica do conceito de liberdade em cartas de alforria. (Tese de Doutorado). Departamento de Linguística – IEL. São Paulo: Unicamp, 2008.

SCHWARTZ, Stuart B. Segredos Internos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEN, A. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.

SEN, Amartya. Desigualdade Reexaminada. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TERMO DE MARIANA: história e documentação. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998.

TILLY, Charles. Durable Inequality. University of California Press, 1999.

VIEIRA, Pedro A. A Inserção do “Brasil” nos quadros da economia-mundo capitalista no período 1550-c.1800: uma tentativa de demonstração empírica através da cadeia mercantil do açúcar. Revista Economia e Sociedade (Unicamp), v. 19, p. 99-127, 2010.

VIEIRA, Pedro A. A Sociedade Portuguesa do século XVI e as raízes da desigualdade social no Brasil. (2009).

WIKIPEDIA.ORG/WIKI/VI%C3%A7OSA\_(MINAS\_GERAIS)

WILLIAMSON, J. G. History Without Evidence: latin américa inequality since 1491. National Bureau of Economic Research. March, 2009.

WWW.DPI.UFV.BR/FUNCION/ALTINO/VICOSA\_MAIN.HTM

## ANEXOS

**Anexo 1 - Classificação da População de Viçosa de acordo com a Distribuição de Renda – 1825**

| <b>Sexo</b> | <b>Raça</b> | <b>Ocupação</b> | <b>Renda</b> | <b>Dependentes</b> | <b>Escravos</b> | <b>Total Pessoas</b> |
|-------------|-------------|-----------------|--------------|--------------------|-----------------|----------------------|
| M           | B           | Feitor          | 7\$980       | 1                  | 87              | 89                   |
| M           | B           | Roceiro         | 6\$220       | 4                  | 8               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | 4\$190       | 4                  | 43              | 48                   |
| M           | P           | Roceiro         | 3\$540       | 13                 | 18              | 32                   |
| M           | B           | Roceiro         | 2\$950       | 7                  | 22              | 30                   |
| F           | P           | Roceiro         | 2\$700       | 19                 | 12              | 32                   |
| M           | B           | Roceiro         | 2\$560       | 5                  | 2               | 8                    |
| M           | B           | Roceiro         | 2\$300       | 12                 | 7               | 20                   |
| M           | B           | Roceiro         | 2\$070       | 8                  | 9               | 18                   |
| F           | P           | Roceiro         | 2\$060       | 9                  | 7               | 17                   |
| F           | B           | Roceiro         | 2\$000       | 7                  | 14              | 22                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$790       | 5                  | 13              | 19                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$690       | 6                  | 10              | 17                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$680       | 7                  | 6               | 14                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$670       | 8                  | 4               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$660       | 9                  | 2               | 12                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$650       | 6                  | 7               | 14                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$630       | 4                  | 11              | 16                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$600       | 7                  | 5               | 13                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$530       | 6                  | 6               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$520       | 7                  | 4               | 12                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$520       | 7                  | 4               | 12                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$510       | 8                  | 2               | 11                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$500       | 9                  |                 | 10                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$470       | 4                  | 9               | 14                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$460       | 5                  | 7               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$460       | 5                  | 7               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$460       | 5                  | 7               | 13                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$440       | 8                  | 2               | 11                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$390       | 4                  | 8               | 13                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$370       | 7                  | 10              | 18                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$360       | 7                  | 2               | 10                   |
| M           |             | Roceiro         | 1\$360       |                    | 17              | 18                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$320       | 8                  | 4               | 13                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$280       | 7                  | 1               | 9                    |
| F           | B           | Roceiro         | 1\$230       | 4                  | 6               | 11                   |
| F           | B           | Roceiro         | 1\$220       | 5                  | 4               | 10                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$220       | 4                  | 5               | 10                   |

|   |   |           |        |    |    |    |
|---|---|-----------|--------|----|----|----|
| M | B | Roceiro   | 1\$210 | 6  | 2  | 9  |
| M | P | Roceiro   | 1\$210 | 6  | 2  | 9  |
| M | B | Roceiro   | 1\$200 | 12 | 5  | 18 |
| M | B | Roceiro   | 1\$150 | 7  | 5  | 13 |
| M | B | Roceiro   | 1\$100 | 1  | 10 | 12 |
| M | B | Roceiro   | 1\$080 | 4  | 4  | 9  |
| F | B | Roceiro   | 1\$080 | 3  | 6  | 10 |
| M | P | Roceiro   | 1\$080 | 2  | 6  | 9  |
| M | B | Roceiro   | 1\$070 |    | 4  | 5  |
| M | B | Roceiro   | 1\$070 | 3  | 5  | 9  |
| M | B | Roceiro   | 1\$060 | 8  | 2  | 11 |
| M | P | Roceiro   | 1\$060 | 5  | 2  | 8  |
| M | B | Roceiro   | 1\$060 | 4  | 3  | 8  |
| M | B | Roceiro   | 1\$050 |    | 6  | 7  |
| M | B | Roceiro   | 1\$000 | 4  | 4  | 9  |
| F | B | Roceiro   | \$990  | 5  | 3  | 9  |
| M | B | Roceiro   | \$990  | 4  | 3  | 8  |
| F | B | Roceiro   | \$990  | 4  | 3  | 8  |
| M | B | Roceiro   | \$940  | 1  | 8  | 10 |
| M | B | Roceiro   | \$930  | 4  | 2  | 7  |
| M | P | Roceiro   | \$920  | 3  | 4  | 8  |
| M | B | Roceiro   | \$910  | 4  | 2  | 7  |
| M | B | Roceiro   | \$900  | 5  |    | 6  |
| M | B | Roceiro   | \$900  | 5  |    | 6  |
| M | B | Roceiro   | \$900  | 6  | 3  | 10 |
| M | P | Roceiro   | \$850  | 3  | 5  | 9  |
| F | P | Roceiro   | \$840  | 3  | 3  | 7  |
| M | B | Roceiro   | \$830  | 4  | 1  | 6  |
| M | B | Ferreiro  | \$830  | 4  | 1  | 6  |
| M | P | Ferreiro  | \$830  | 4  | 1  | 6  |
| M | B | Ferreiro  | \$770  | 2  | 4  | 7  |
| M | P | Tropeiro  | \$770  | 2  | 4  | 7  |
| M | B | Indigente | \$750  | 7  |    | 8  |
| M | P | Indigente | \$750  | 4  |    | 5  |
| M | P | Alfaiate  | \$750  | 4  | 3  | 8  |
| M | P | Alfaiate  | \$700  | 6  | 5  | 12 |
| M | B | Ferreiro  | \$690  | 2  | 3  | 6  |
| M | B | Ferreiro  | \$680  | 3  | 1  | 5  |
| M | P | Ferreiro  | \$680  | 3  | 1  | 5  |
| M | P | Ferreiro  | \$680  | 5  | 1  | 7  |
| M | P | Ferreiro  | \$680  | 3  | 2  | 6  |
| M | B | Ferreiro  | \$610  | 2  | 2  | 5  |
| M | p | Ferreiro  | \$610  | 2  | 2  | 5  |
| M | P | Ferreiro  | \$600  | 8  |    | 9  |
| M | B | Ferreiro  | \$600  | 3  |    | 4  |
| M | B | Indigente | \$600  | 5  |    | 6  |

|   |    |           |       |   |   |   |
|---|----|-----------|-------|---|---|---|
| M | P  | Indigente | \$600 | 2 | 1 | 4 |
| M | B  | Indigente | \$600 | 2 | 1 | 4 |
| M | B  | Indigente | \$550 | 1 | 5 | 7 |
| M | B  | Indigente | \$530 | 2 | 1 | 4 |
| M | B  | Indigente | \$530 | 2 | 1 | 4 |
| F | B  | Indigente | \$530 | 2 | 2 | 5 |
| M | P  | Indigente | \$470 |   | 4 | 5 |
| M | P  | Indigente | \$460 | 1 | 2 | 4 |
| M | B  | Indigente | \$460 | 1 | 2 | 4 |
| M | B  | Indigente | \$450 | 2 |   | 3 |
| M | B  | Indigente | \$450 | 6 |   | 7 |
| M | P  | Indigente | \$450 | 2 |   | 3 |
| M | B  | Roceiro   | \$390 |   | 3 | 4 |
| M | B  | Roceiro   | \$380 | 1 |   | 2 |
| M | B  | Roceiro   | \$380 | 1 | 1 | 3 |
| M | P  | Roceiro   | \$310 | 3 | 2 | 6 |
| M | P  | Carapina  | \$310 | 1 | 2 | 4 |
| M | B  | Carapina  | \$300 | 1 |   | 2 |
| M | B  | Carapina  | \$300 | 1 |   | 2 |
| F | P  | Indigente | \$300 | 2 |   | 3 |
| M | B  | Indigente | \$300 |   |   | 1 |
| M | P  | Indigente | \$300 | 1 |   | 2 |
| M | P  | Indigente | \$300 | 1 |   | 2 |
| M | P  | Venda     | \$150 |   |   | 1 |
| M | P  | Indigente | \$150 | 4 |   | 5 |
| M | Pr | Feitor    | \$0   | 1 | 1 | 3 |

**Fonte: Lista Nominativa de Viçosa, 1825**

**Anexo 2 - Classificação da População de Viçosa de acordo com a Distribuição de Riqueza (Posse de Escravos) – 1825**

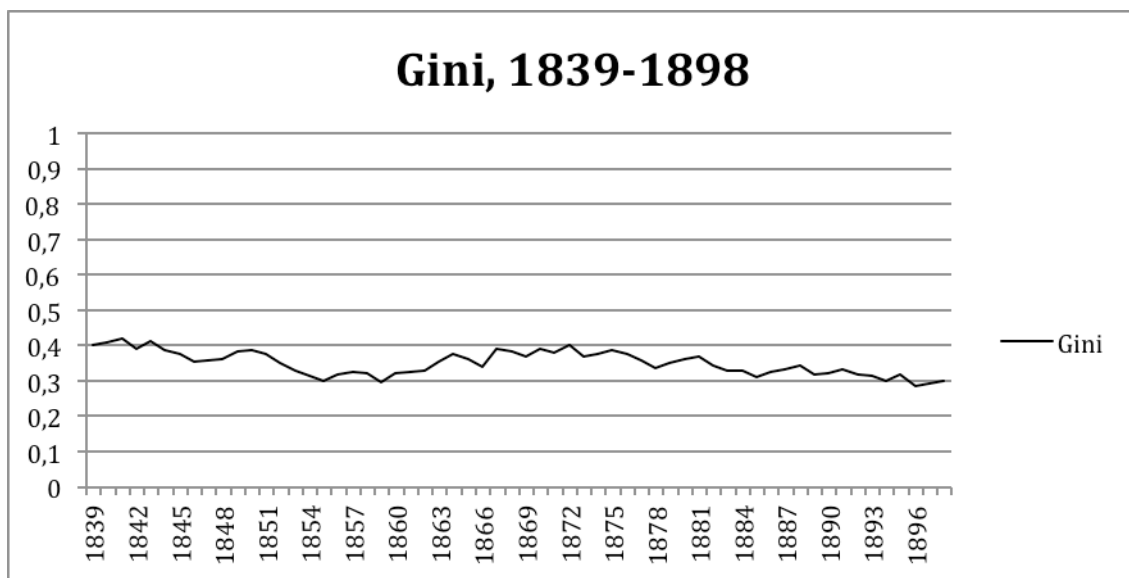
| <b>Sexo</b> | <b>Raça</b> | <b>Ocupação</b> | <b>Renda</b> | <b>Dependentes</b> | <b>Escravos</b> | <b>Total Pessoas</b> |
|-------------|-------------|-----------------|--------------|--------------------|-----------------|----------------------|
| M           | B           | Feitor          | 7\$980       | 1                  | 87              | 89                   |
| M           | B           | Roceiro         | 4\$190       | 4                  | 43              | 48                   |
| M           | B           | Roceiro         | 2\$950       | 7                  | 22              | 30                   |
| M           | P           | Roceiro         | 3\$540       | 13                 | 18              | 32                   |
| M           | -           | Roceiro         | 1\$360       |                    | 17              | 18                   |
| F           | B           | Roceiro         | 2\$000       | 7                  | 14              | 22                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$790       | 5                  | 13              | 19                   |
| F           | P           | Roceiro         | 2\$700       | 19                 | 12              | 32                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$630       | 4                  | 11              | 16                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$100       | 1                  | 10              | 12                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$370       | 7                  | 10              | 18                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$690       | 6                  | 10              | 17                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$470       | 4                  | 9               | 14                   |
| M           | B           | Roceiro         | 2\$070       | 8                  | 9               | 18                   |
| M           | B           | Roceiro         | 6\$220       | 4                  | 8               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | \$940        | 1                  | 8               | 10                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$390       | 4                  | 8               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$460       | 5                  | 7               | 13                   |
| F           | P           | Roceiro         | 2\$060       | 9                  | 7               | 17                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$460       | 5                  | 7               | 13                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$650       | 6                  | 7               | 14                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$460       | 5                  | 7               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | 2\$300       | 12                 | 7               | 20                   |
| F           | B           | Roceiro         | 1\$230       | 4                  | 6               | 11                   |
| F           | B           | Roceiro         | 1\$080       | 3                  | 6               | 10                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$080       | 2                  | 6               | 9                    |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$050       |                    | 6               | 7                    |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$530       | 6                  | 6               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$680       | 7                  | 6               | 14                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$600       | 7                  | 5               | 13                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$200       | 12                 | 5               | 18                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$070       | 3                  | 5               | 9                    |
| M           | P           | Roceiro         | \$850        | 3                  | 5               | 9                    |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$150       | 7                  | 5               | 13                   |
| M           | P           | Roceiro         | \$700        | 6                  | 5               | 12                   |
| M           | P           | Roceiro         | 1\$220       | 4                  | 5               | 10                   |
| M           | B           | Roceiro         | \$550        | 1                  | 5               | 7                    |
| F           | B           | Roceiro         | 1\$220       | 5                  | 4               | 10                   |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$520       | 7                  | 4               | 12                   |
| M           | B           | Roceiro         | \$770        | 2                  | 4               | 7                    |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$070       |                    | 4               | 5                    |
| M           | B           | Roceiro         | 1\$520       | 7                  | 4               | 12                   |

|   |   |          |        |   |   |    |
|---|---|----------|--------|---|---|----|
| M | B | Roceiro  | 1\$080 | 4 | 4 | 9  |
| M | B | Roceiro  | 1\$000 | 4 | 4 | 9  |
| M | P | Roceiro  | 1\$320 | 8 | 4 | 13 |
| M | P | Tropeiro | \$770  | 2 | 4 | 7  |
| M | P | Roceiro  | 1\$670 | 8 | 4 | 13 |
| M | P | Roceiro  | \$920  | 3 | 4 | 8  |
| M | P | Roceiro  | \$470  |   | 4 | 5  |
| M | B | Roceiro  | \$390  |   | 3 | 4  |
| M | B | Ferreiro | \$690  | 2 | 3 | 6  |
| F | B | Ferreiro | \$990  | 5 | 3 | 9  |
| M | B | Roceiro  | \$900  | 6 | 3 | 10 |
| M | B | Roceiro  | \$990  | 4 | 3 | 8  |
| F | P | Roceiro  | \$840  | 3 | 3 | 7  |
| M | P | Alfaiate | \$750  | 4 | 3 | 8  |
| F | B | Roceiro  | \$990  | 4 | 3 | 8  |
| M | B | Roceiro  | 1\$060 | 4 | 3 | 8  |
| M | P | Roceiro  | \$460  | 1 | 2 | 4  |
| M | B | Roceiro  | 1\$360 | 7 | 2 | 10 |
| M | B | Roceiro  | 1\$060 | 8 | 2 | 11 |
| M | P | Roceiro  | 1\$060 | 5 | 2 | 8  |
| M | B | Roceiro  | \$460  | 1 | 2 | 4  |
| M | B | Roceiro  | \$930  | 4 | 2 | 7  |
| M | B | Roceiro  | 1\$210 | 6 | 2 | 9  |
| F | B | Roceiro  | \$530  | 2 | 2 | 5  |
| M | B | Roceiro  | \$910  | 4 | 2 | 7  |
| M | B | Roceiro  | \$610  | 2 | 2 | 5  |
| M | B | Roceiro  | 2\$560 | 5 | 2 | 8  |
| M | P | Roceiro  | \$310  | 3 | 2 | 6  |
| M | P | Roceiro  | 1\$440 | 8 | 2 | 11 |
| M | B | Roceiro  | 1\$660 | 9 | 2 | 12 |
| M | P | Carapina | \$310  | 1 | 2 | 4  |
| M | P | Carapina | \$680  | 3 | 2 | 6  |
| M | P | Roceiro  | 1\$210 | 6 | 2 | 9  |
| M | P | Roceiro  | 1\$510 | 8 | 2 | 11 |
| M | p | Roceiro  | \$610  | 2 | 2 | 5  |
| M | B | Roceiro  | \$830  | 4 | 1 | 6  |
| M | B | Roceiro  | \$680  | 3 | 1 | 5  |
| M | B | Roceiro  | \$530  | 2 | 1 | 4  |
| M | B | Ferreiro | \$830  | 4 | 1 | 6  |
| M | P | Ferreiro | \$600  | 2 | 1 | 4  |
| M | P | Ferreiro | \$680  | 3 | 1 | 5  |
| M | B | Ferreiro | \$530  | 2 | 1 | 4  |
| M | B | Ferreiro | \$600  | 2 | 1 | 4  |
| M | B | Ferreiro | \$380  | 1 | 1 | 3  |
| M | P | Ferreiro | \$680  | 5 | 1 | 7  |
| M | P | Ferreiro | \$830  | 4 | 1 | 6  |



|   |    |           |        |   |   |    |
|---|----|-----------|--------|---|---|----|
| M | Pr | Feitor    | \$0    | 1 | 1 | 3  |
| M | P  | Roceiro   | 1\$280 | 7 | 1 | 9  |
| M | P  | Venda     | \$150  |   |   | 1  |
| M | B  | Venda     | \$300  | 1 |   | 2  |
| M | P  | Indigente | \$150  | 4 |   | 5  |
| M | P  | Indigente | \$600  | 8 |   | 9  |
| M | B  | Indigente | \$300  | 1 |   | 2  |
| M | B  | Indigente | \$450  | 2 |   | 3  |
| M | B  | Indigente | \$900  | 5 |   | 6  |
| M | B  | Indigente | \$600  | 3 |   | 4  |
| M | B  | Indigente | \$600  | 5 |   | 6  |
| M | B  | Indigente | \$380  | 1 |   | 2  |
| M | B  | Indigente | \$450  | 6 |   | 7  |
| M | B  | Indigente | \$750  | 7 |   | 8  |
| F | P  | Indigente | \$300  | 2 |   | 3  |
| M | B  | Indigente | \$300  |   |   | 1  |
| M | P  | Indigente | \$300  | 1 |   | 2  |
| M | P  | Indigente | \$300  | 1 |   | 2  |
| M | P  | Indigente | \$750  | 4 |   | 5  |
| M | P  | Indigente | \$450  | 2 |   | 3  |
| M | B  | Indigente | \$900  | 5 |   | 6  |
| M | B  | Indigente | 1\$500 | 9 |   | 10 |

**Fonte: Lista Nominativa de Viçosa, 1825**

**Anexo 3 – Índice de Gini do Brasil, 1839 - 1898**

**Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Bértola et al (2006).**

## APÊNDICE ESTATÍSTICO

### O Índice de Gini

A Desigualdade de renda e de riqueza é comumente medida pelo índice de Gini. O índice de Gini foi desenvolvido por Corrado Gini em 1912. É a medida da razão entre a área entre a curva de Lorenz e a área da curva total considerada acima da linha de perfeita igualdade. A curva de Lorenz, por sua vez, desenvolvida por Max Lorenz em 1905, é a linha de representação do percentual acumulado em um determinado domínio. O índice de Gini deve variar entre 0 e 1, onde o 0 significa perfeita igualdade e 1 perfeita desigualdade. Pode ser calculado pela Fórmula de Brown<sup>2</sup>, apresentada abaixo:

$$G = 1 - \sum_{k=0}^{k=n-1} (X_{k+1} - X_k)(Y_{k+1} + Y_k)$$

Outros índices também podem ser usados para a análise da desigualdade de renda e de riqueza, tais como o índice de Theil e o índice de Atkinson.

O índice de Theil é outra medida de distribuição de renda, calculado a partir do logaritmo neperiano (log natural) da razão entre a média aritmética e geométrica da renda familiar *per capita* média. Tendo-se a razão das médias igual a 1, o Theil será igual a 0, o que indica perfeita distribuição de renda. Quanto maior a razão entre as médias, maior o valor do índice de Theil e pior a distribuição de renda.

Theil propôs dois índices, chamados Theil T e Theil L. Estes índices derivam da ideia de entropia na teoria da informação, onde a qualidade de informação de um evento é inversamente proporcional a probabilidade de tal evento ocorrer.

O índice de Theil T é dado por:

$$T_T = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N \left( \frac{x_i}{x} \cdot \ln \frac{x_i}{x} \right)$$

---

<sup>2</sup> Onde: G – Coeficiente de Gini; X – Proporção Acumulada da População; Y – Proporção Acumulada da Renda.

O índice de Theil L é o log da razão entre as médias aritmética e geométrica<sup>3</sup>. O índice de Theil L é dado por:

$$T_L = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N \left( \ln \frac{\bar{x}}{x_i} \right)$$

T é o índice de Theil<sup>4</sup>

$$T = \ln(N) - S$$

O índice de Atkinson é outro índice usado para medir desigualdade de renda, desenvolvido por Anthony Bames Atkinson, em 1970. O que diferencia este índice dos anteriores, é o fato de considerar juízos de valor através de um coeficiente  $\varepsilon$ .

$$A = 1 - \frac{1}{\mu} \left( \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N y_i^{1-\varepsilon} \right)^{\frac{1}{(1-\varepsilon)}} \quad \forall \varepsilon : \varepsilon \in (0,1)$$

y:

$$A = 1 - \frac{1}{\mu} \left( \prod_{i=1}^N y_i \right)^{\frac{1}{N}} \quad \varepsilon = 0$$

Medido a partir do índice de Theil, em termos genéricos, o índice de Atkinson pode ser obtido por:

$$A = 1 - e^{-T}$$

---

<sup>3</sup> Onde:  $x_i$  = renda;  $\bar{x} = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N x_i$ ; N = quantidade de pessoas.

<sup>4</sup> Onde: S mede a Entropia da Informação e é dado por  $S = k \sum_{i=1}^N \left( p_i \cdot \log \frac{1}{p_i} \right)$ .